

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO, DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM FILOSOFIA

APROXIMAÇÃO ENTRE A LÓGICA E A ÉTICA NO *TRACTATUS*
***LOGICO-PHILOSOPHICUS* DE LUDWIG WITTGENSTEIN**

Trabalho apresentado ao Mestrado em Filosofia da
Pontifícia Universidade Católica do Paraná.
Orientador: Prof. Dr. Bortolo Valle.

CURITIBA
JUN/2006

VALDIR BORGES

**APROXIMAÇÃO ENTRE A LÓGICA E A ÉTICA NO *TRACTATUS*
LOGICO-PHILOSOPHICUS DE LUDWIG WITTGENSTEIN**

**CURITIBA
JUN/2006**

*A luz que um trabalho irradia é uma luz
que, contudo, só brilha com uma beleza
real, se for iluminada por outra luz.*

L. Wittgenstein

AGRADECIMENTOS

A Deus que me deu forças, sempre esteve a meu lado, de modo especial nestes últimos anos, onde tenho me deparado com algumas dificuldades.

Aos meus pais, Elzír e Josefina S. Borges, que me deram a vida, anônimos, mas meus maiores incentivadores e exemplos vivos de uma ética prática, juntamente com todos os meus irmãos: Joacir, Zela, Paulo, Jorge, José Carlos, Marcos e Julice.

À Ordem dos Servos de Maria, através dos seus provinciais, neste período 2004 a 2006, Jorge Borges (2003-2005) e Joacir Borges (2006-2008), que são frades e meus irmãos biológicos, incentivaram-me e dispuseram o tempo e os recursos necessários para a obtenção de mais este título. Através deles, estendo meu agradecimento a todos os religiosos da referida Ordem.

A todo o povo da comunidade Maria, Mãe da Igreja, pela compreensão e estímulo.

A todos os amigos e amigas, de modo especial aqueles que tomaram um novo rumo na vida, encontrando o seu sentido, especialmente Juliano de Souza, estudante de administração e ao Ricardo Pereira, que está numa intensa busca, por Deus e pelo sentido da sua existência.

Ao corpo docente do mestrado, especialmente, aos professores Dr. Bortolo Valle, verdadeiro amigo, conselheiro, acolhedor e orientador dessa dissertação, uma amizade iniciada há quase 25 anos, quando éramos estudantes de Filosofia da PUCPR. Ao Dr. Cleverton Leite Bastos, por incentivar-me, encorajar-me e inclusive emprestar-me alguns livros sobre Wittgenstein; ao Dr. Paulo Eduardo de Oliveira, que foi o revisor dessa dissertação e ao Dr. Prof. Lafayette Moraes da PUCSP, que com paciência e humildade, acompanhou-me na qualificação e depois na defesa pública deste trabalho de investigação.

Ao Romeu Vitor Bittencourt, Andreza Ferreira e Neivan Sasso, que foram os digitadores desta dissertação. À Neuza Brandellero e ao Pe. Boleslaw Blij (SVD) pela acolhida. Aos grandes amigos, Maurício José Gogola e ao Prof. Thiago Onofre Maia e à Sra. Suelly Teresinha dos Santos que foi grande incentivadora em todos os âmbitos, inclusive arcando com algumas despesas bibliográficas.

Aos irmãos da comunidade Servita de Curitiba, Marcos Roberto Huk, Clodovis Boff, Antônio Eugênio Chemin, postulantes e professores que me acompanharam com a oração e me incentivaram em todos os âmbitos.

SUMÁRIO

RESUMO.....	v
ABSTRACT	vi
RIASSUNTO.....	vii
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I – O AMBIENTE FILOSÓFICO EM QUE SE GESTA A NOÇÃO DE INEFÁVEL.....	6
1.1 O AMBIENTE EM QUE VIVE E SE DESENVOLVE LUDWIG WITTGENSTEIN	13
1.2 O TRACTATUS LOGICO-PHILOSOPHICUS DE LUDWIG WITTGENSTEIN: A OBRA E A VIDA, UMA CONTINUIDADE	16
1.3 OUTROS TEMAS RELEVANTES DO TRACTATUS LOGICO- PHILOSOPHICUS E SUAS RELAÇÕES.....	25
1.4 A DIFERENÇA ENTRE DIZER E MOSTRAR.....	32
1.5 O MÍSTICO EM LUDWIG WITTGENSTEIN.....	35
CAPÍTULO II – A ÉTICA E A LÓGICA EM LUDWIG WITTGENSTEIN.....	38
2.1 A ÉTICA EM LUDWIG WITTGENSTEIN	40
2.1.1 ALGUMAS INTERPRETAÇÕES ÉTICAS NO TRACTATUS	43
2.1.2 A INTENÇÃO ÉTICA PRESENTE NO TRACTATUS.....	45
2.2 A ANÁLISE LÓGICA EM LUDWIG WITTGENSTEIN.....	48
2.2.1 A LÓGICA E A MATEMÁTICA	54
2.3 DA LÓGICA À MÍSTICA	59
CAPÍTULO III – O PROBLEMA DA “VONTADE” NA CONFLUÊNCIA ENTRE A ÉTICA E A LÓGICA	61
3.1 NOÇÃO DE SUJEITO EM WITTGENSTEIN	62
3.1.1 O SUJEITO EMPÍRICO	63
3.1.2 O SUJEITO METAFÍSICO	64
3.2 A VONTADE ÉTICA	67
3.3 O ESTATUTO DA VONTADE HUMANA.....	71
3.3.1 DA IMPOTÊNCIA E DA POTÊNCIA DA VONTADE	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	78
BIBLIOGRAFIA DE WITTGENSTEIN	82
DICIONÁRIOS	83
REFERÊNCIAS	84

RESUMO

Este estudo se debruça sobre a obra de um dos mais significativos pensadores do século XX, Ludwig Wittgenstein. Sobre sua obra é possível que se estabeleça um duplo direcionamento no processo de entendimento. Uma via chamada de ortodoxa defende que as idéias contidas no *Tractatus Logico-Philosophicus* são eminentemente frutos de sua análise lógica. Outra, considerada menos ortodoxa, defende que os temas ali desenvolvidos só adquirem sentido quando tomados em consideração com a vida e a cultura na qual foi gestada tal obra. Esta última via é aquela defendida neste trabalho. Seu objetivo principal é aquele de mostrar de que maneira se dá a relação entre os temas da Ética e os temas da Lógica, elementos centrais no pensamento do filósofo de Viena. Defendemos, portanto, que a condição de possibilidade de uma relação entre estes dois campos do saber está assentada sobre a noção de ato voluntário.

ABSTRACT

This study is about Ludwig Wittgenstein, one of the most significant 20th century thinkers. The understanding process of his work can be established in two ways. The former, called orthodox, defends that ideas contained in *Tractatus Logico-Philosophicus* are eminently fruits of his logical analysis. The latter, known less orthodox: defends that themes developed in his work only acquired sense when life and culture, which such work was originated, were considered. The latter way is defended in this work. The main objective is showing how central elements of this Vienna philosopher thought, Logic and Ethics: are related. We affirm, therefore, the condition of possibility in the relationship between these two fields of knowledge is based on the notion of voluntary act.

RIASSUNTO

Lo studio presente versa sul lavoro di uno dei più significativi filosofi del XX secolo, Ludwig Wittgenstein. Due sono le vie per accercarsi alla sua opera. La prima, nota come ortodossa, sostiene che le idee contenute nel *“Tractatus Logico-Philosophicus”* sono eminentemente risultati della sua analisi logica. L'altra, meno ortodossa, ritiene che gli argomenti ivi sviluppati acquistano senso solo quando presi insieme alla vita e alla cultura in cui quell'opera è stata prodotta. Quest'ultima via è quella imboccata nel presente lavoro. La nostra intenzione principale è di mostrare in qual modo si può stabilire il rapporto tra gli argomenti dell'Etica e quelli della Logica, regioni centrali nel pensiero del filosofo viennese. Sosteniamo dunque che la condizione di possibilità di un rapporto tra le due regioni del sapere riferite poggia sull'idea di atto volontario.

INTRODUÇÃO

As últimas proposições do *Tractatus* parecem evidenciar uma dupla direção no encaminhamento das considerações filosóficas propostas por Ludwig Wittgenstein. Numa primeira, considerada ortodoxa, vemos reunidas as reflexões que apresentam o autor em conexão com as idéias desenvolvidas por Russell, pelo Círculo de Viena e por jovens filósofos ingleses, entre outros.

De acordo com este direcionamento, Wittgenstein teria dotado o empirismo e o positivismo de um rigor e de uma articulação lógica dos quais sempre se mostraram carentes. Com a teoria da linguagem desenvolvida e apresentada pelo filósofo vienense no *Tractatus Logico-Philosophicus*¹, se fechava definitivamente a possibilidade de explicações metafísicas. Afirmações tais como: “o método correto da filosofia seria propriamente este: nada dizer, senão o que se pode dizer; portanto, proposições da ciência natural – portanto, algo que nada tem a ver com filosofia; e então, sempre que alguém pretendesse dizer algo de metafísico, mostrar-lhe que não conferiu significado a certos sinais em suas proposições. Esse método seria, para Wittgenstein, insatisfatório – não teria a sensação de que lhe estivéssemos ensinando filosofia; mas esse seria o único rigorosamente correto” (T.L.P.6.53) e, “sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar” (T.L. P 7), seriam ilustrativas e deram a A. J. Ayer, inclusive, elementos para elaborar uma defesa da “eliminação da metafísica”. Este direcionamento engendra uma tradição que vê no *Tractatus* a forma mais cabal para o tratamento definitivo das questões que circundam nosso anseio de dizer o mundo (questões como as que envolvem as noções de significado, de referência, de sentido, de verdade etc.).

Um desconforto no tratamento das questões ligadas à Ética, à Estética e à Religião pode ser visualizado no cenário do ambiente em que parte da filosofia se desenvolveu no último século como fruto da opção que fizeram alguns pensadores a partir deste direcionamento. Não raras vezes, as proposições carregadas com conteúdos éticos, estéticos e religiosos são tomadas como sem sentido por estarem firmadas sobre base metafísica. Sobre elas, recairia, mais

¹ Estamos utilizando a edição portuguesa da Fundação Calouste Gulbenkian de 1987, publicada em conjunto com as “Investigações Filosóficas”, conforme indicado em nossas referências.

especificamente, toda a força do desejo de esclarecimento contido no *Tractatus*. As proposições da Ética, da Estética e da Religião seriam proposições que nada dizem sobre o mundo e, na insistência de o fazerem, nele instalam a doença, que tem como sintoma “edemas lingüísticos”, ou seja, a presença no mundo de realidades que o mundo não comporta. Essa doença é fruto do descaso para com a linguagem, típica da permissividade própria de quando a linguagem sai de férias, para usar uma expressão cara a Wittgenstein.

Este modo de se ler o *Tractatus* fez escola. Não sem tais convicções o Círculo de Viena teria produzido sua Concepção Científica de mundo. Também, não sem elas, teria sido possível sustentar a tão propalada morte da filosofia quando de sua transformação em filosofia científica. É evidente o papel desempenhado por tal modo de aproximação com os ensinamentos contidos no *Tractatus*: a Lógica assume o papel que tradicionalmente coube à Ontologia. Não se trata evidentemente da eliminação do esforço para se estabelecer os fundamentos do mundo, trata-se, antes, de reconhecer que o mundo “está bem como está”, de reconhecer que nada podemos a ele acrescentar, restando, então, como tarefa necessária, o seu esclarecimento. Não um esclarecimento que se faz sobre o fato do mundo ter fundamentos, mas sobre nossa pretensão de expressar, pela linguagem, tais fundamentos.

Acompanhando a produção crítica na origem deste caminho interpretativo, percebemos que o vigor da mesma foi adquirido com alguns deslocamentos necessários. Talvez, o mais significativo seja aquele que tenha tomado a obra como instância desvinculada dos acontecimentos que marcaram não só a vida como também os contornos culturais de seu produtor. A garantia de rigor parece ter sido obtida, por força dos críticos, num estranhamento, para próprio proveito, entre a vida e a obra do filósofo de Viena. Desconhecer esta tradição seria situar-se num descompasso irresponsável e nesta dissertação ela não deixa de ser considerada. No entanto, sobre ela se quer avançar, empreendimento não de todo desmedido uma vez que, após a morte do filósofo, ocorrida em 1951, estudos nascidos sobre o conjunto da obra ousaram extrapolar o alcance deste direcionamento, possibilitando um novo olhar sobre os ensinamentos desse que foi um dos mais marcantes pensadores do século XX.

Numa segunda, considerada não ortodoxa, de outra direção, hoje igualmente fecunda, vemos surgir, dos mesmos aforismos conclusivos do

Tractatus, uma maneira singular de compreender os desdobramentos da Teoria do Significado contida na obra primeira de Wittgenstein. Diferentemente do caminho explicitado acima, este, agora, se projetou contra o pano de fundo no qual aquele foi gestado. O novo direcionamento se faz buscando incorporar aquilo que havia sido expurgado pela tradição anterior. A impossibilidade de se dizer o mundo não seria fator decisivo para depreciar as proposições que em seus conteúdos fazem referência, por exemplo, aos enunciados da Ética, da Estética e da Religião.

Embora este direcionamento seja tomado com cautela e até com uma espécie de crítica mordaz por parte da chamada via ortodoxa de leitura do *Tractatus*, cada vez mais se firma como convicção que o entendimento daquela obra significativa da filosofia contemporânea fica prejudicado quando lido tão somente a partir da força de sua expressão lógica.

No interior deste novo direcionamento, situam-se pressupostos que extrapolam os limitados marcos de interpretação que lhe conferiram com especial afinidade autores como Ayer, Ramsey, Neurath e, inclusive, E. Anscombe. Tais marcos indicam que o *Tractatus* possui uma gênese que só é visualizada quando se ousa extrapolar sua própria tessitura. Tal ousadia nos faz ir de encontro à existência de um *Proto-Tractatus* identificado com os pensamentos que foram registrados pelo filósofo nos *Cadernos*, escrito entre 1914 e 1916.

A tese que subjaz e alicerça este direcionamento consiste em admitir que o interesse de Wittgenstein pelos valores sejam eles éticos, estéticos ou religiosos não foram acessórios em seu pensamento, mas centrais. Essa convicção não pode ser localizada senão numa profunda intimidade entre a vida, entre os elementos culturais vivenciados pelo autor e a obra produzida. Em 1967, Paul Engelmann nos possibilitou o acesso ao conteúdo de uma carta de Wittgenstein dirigida a Ludwig Von Ficker, onde sobre o *Tractatus* o filósofo assim se expressa: “o livro tem um sentido ético. Em uma ocasião pensei em incluir no prefácio uma frase, que finalmente não o fiz mas que agora vou fazê-lo porque constitui uma chave do livro. Na ocasião quis escrever que meu trabalho consiste em duas partes, a que aqui se submete a consideração e a que é formada por tudo o que não escrevi. E precisamente essa segunda a mais importante...Te recomendo ler o prefácio e a conclusão, uma vez que constituem a expressão mais acabada de seu sentido”.

Este sentido ético, não posto em palavras, é recolhido dos meandros existenciais expressos nos Diários. Não seria demasiado comprometedor admitir, assim, que o sentido da vida se identifica com o sentido do mundo. A Lógica e a Ética não poderiam ser pensadas separadamente. Mais especificamente a Lógica se ilumina a partir da Ética enquanto esta traça os contornos daquela. Esta tradição é assumida neste nosso estudo ao propor como problema de investigação qual elemento ou elementos estariam presentes neste empreendimento de aproximação. O problema se ilustra a partir de três objetivos específicos traçados que pretendem, por sua vez, num primeiro momento, analisar o contexto de formação do *Tractatus*, depois analisar a identidade da Lógica e da Ética e, finalmente, considerar o elemento que permite tal cumplicidade entre os enunciados da Ética e da Lógica.

A tese assumida neste estudo pode ser assim expressa: o ato voluntário humano é a condição de possibilidade da intimidade entre os enunciados da Ética e aqueles da Lógica. Esta dissertação persegue as condições de criação desta convicção e se insere, é necessário dizer, neste último direcionamento. Para efetivação desta tarefa, o trabalho é apresentado em três capítulos.

No primeiro, será apresentado aquilo que denominamos ambiente filosófico onde se gesta a noção de inefabilidade expressa no último aforismo do *Tractatus*. Na esteira de Janik e Toulmin, acreditamos que tal tarefa só é possível perscrutando o meio cultural produtor da obra. Nele serão explorados a idéia de uma continuidade entre a vida e a obra do autor bem como o estatuto da diferença enunciada pelo autor entre as formas expressivas de dizer e de mostrar para, finalmente, caracterizar o que especificamente se compreende pelo padrão místico sugerido pela inefabilidade do mundo.

O segundo capítulo, a seu tempo, comportará o desenvolvimento de um itinerário onde será apresentado o estatuto da Ética e aquele da Lógica. O objetivo principal do capítulo estará centrado sobre o processo de passagem da Lógica à Mística, ou seja, da possibilidade de fazer referência, pela linguagem, ao mundo e da necessidade de calar quando diante dos limites do mundo.

O terceiro capítulo, por sua vez, comportará uma reflexão sobre o estatuto da vontade. Importante salientar que é nele que se busca fundamentar o elo entre os enunciados da Lógica e aqueles da Ética. No ato volitivo humano parece residir, de forma conjugada, tanto a possibilidade quanto a impossibilidade

de se fazer uma referência ao mundo. Na ação da vontade, como procuraremos demonstrar, reside a expressão tanto do dizer, portanto, daquilo que faz sentido (Lógica), quanto do mostrar, daquilo que não faz sentido (Ética).

Uma palavra ainda deve ser dita: a postura assumida nesta dissertação não está isenta de críticas, mas é marcada pela convicção de que só se avança num exercício contínuo de experimentação. É evidente que a experimentação não pode ser irresponsável, feita segundo critérios subjetivamente pessoais. Em nosso caso, a experimentação comunga com as idéias de um vasto contingente de autores que, tendo se permitido pensar fora da ortodoxia, ilustrada no primeiro direcionamento apresentado nesta introdução, possibilitaram uma compreensão mais completa do filósofo vienense no que se refere ao conteúdo de sua primeira e mais conhecida obra, o *Tractatus Logico-Philosophicus*. Comungamos com o ideal de que o discurso do mundo é sempre o discurso de uma vontade ética, no seu fundo imperscrutável. O *Tractatus* não é uma obra sobre a Ética, mas uma obra ética.

CAPÍTULO I – O AMBIENTE FILOSÓFICO EM QUE SE GESTA A NOÇÃO DE INEFÁVEL

Creemos que o componente “místico”, presente na filosofia de Wittgenstein, se deva à atração de figuras não ortodoxas, como Tolstoi, Kierkegaard e Tagore. Foi marcante a sua participação na primeira guerra mundial, de certa forma, se gesta e se aprimora a sua experiência mística, tempo em que Wittgenstein afirma haver relido parte das obras de Schopenhauer e a explicação dos “evangelhos” de Tolstoi.

A originalidade de Wittgenstein está no modo em que “empreendeu o desafio de conciliar a análise lógica com o projeto ético, estabelecendo as fronteiras daquilo que é dizível filosoficamente para tornar possível a contemplação beatífica do eterno presente.”²

Nas “propriedades lógicas”, Wittgenstein verificou que há o que não pode ser dito, mas somente mostrado, aqui se encontra mais um traço original de sua filosofia, que é o de transplantar temas relativos à mística para o solo da lógica.

Na distinção *dizer/mostrar* leva-nos à esfera do místico. Oferece-nos um instrumento para contrastar as proposições empíricas da ciência, não somente com a lógica e a metafísica, mas também com o domínio “superior”, a esfera dos valores, ÉTICA, ESTÉTICA e RELIGIÃO.

O *místico* é, além disso, o arquétipo tradicional de algo “inefável”, de algo que não pode ser posto em palavras, mas mostra-se a si mesmo. “*É o que se revela*” (TLP 6.522).

O elo com o “*misticismo*” salvaguarda a esfera dos valores, aquilo que, em última instância, é o que há de mais importante, ficando fora do alcance das intromissões da ciência, ainda que para isso, passe à esfera do “inefável”.

Apesar disso, há diferenças entre a lógica e o místico, o que as proposições lógicas tentam dizer, mostra-se nas proposições empíricas.

² Comentário de Paulo Roberto Margutti Pinto, no seu artigo: “o lógico e a ética”, na Revista brasileira de cultura, CULT/ 60- ANO VI.
Utilizaremos para as nossas citações do **Tractatus Logico-Philosophicus de Ludwig Wittgenstein**, que a partir dessa página denominaremos TLP e, algumas vezes, somente **Tractatus**, a edição da fundação Calouste Gulbenkian, traduzida dos originais alemães por M. S. Lourenço, contendo uma introdução B. Russell. Lisboa – Portugal, 1961.

Não há, entretanto, nenhuma proposição genuína que mostre, por exemplo, o valor ético, embora seja plausível supor que este se mostre nas ações e atitudes das pessoas.

“Existe no entanto o inexprimível. É o que se revela, é o místico” (TLP 6.522):

No TLP 6.44 e 6.45 descreve-se o MÍSTICO ressaltando três aspectos:

- a) é o paradigma do que é “*inexprimível*” e que se mostra;
- b) é o controle de uma atitude, “experiência” ou sentimento;
- c) é a existência do mundo.

Aquilo que ultrapassa a nossa experiência, devemos silenciar. O dizível se pode demonstrar cientificamente, enquanto que o indizível é o místico, o que está fora da linguagem e do mundo. Não é pelo fato de estarem fora do mundo e da linguagem que sejam menos importantes.

Não podemos exprimir o místico com uma linguagem descritiva, pois esta só pode dizer *como* é a realidade e nada sobre o *que* é. Nem por isso podemos afirmar que somente a ciência é válida, e negar a Ética, a Estética e a Religião, porque ao tentarem ultrapassar os limites da própria linguagem e, conseqüentemente do mundo, devam ser rejeitadas.

Não é porque são carentes de sentido lógico, que não se deva considerá-las. Ao contrário, Wittgenstein atribui a estas a sua devida importância, não discorre muito sobre as mesmas, porém ajuda-nos a chegar até o místico, abrindo através do silêncio um vasto campo para a investigação daquilo que é inexprimível, indizível, mas se mostra e isto é o místico.

É a nossa insatisfação com as questões científicas, que não resolvem os problemas da vida, que somos levados à esfera do místico.

No Tractatus Logico-philosophicus não há nenhuma menção específica da ética em conexão com o místico. Porém existem pontes. A ética trata do valor; não são possíveis proposições de ética, posto que as proposições não expressam ‘nada mais elevado’ (TLP 6.42); o mais elevado não tem a ver com o como sejam as coisas no mundo (TLP 6.432); o valor fica fora do mundo (TLP 6.41); o místico não é como são as coisas, mas que existe o mundo (TLP 6.44).³

³ BARRETT, Cyril. *Ética y creencia religiosa em Wittgenstein*, 1994. p. 130.

Daqui, podemos deprender que a ética, o valor, o mais elevado, o que está fora do mundo e o místico estão correlacionados e, praticamente, se equivalem.

Para Wittgenstein, “o místico é o indizível, pois de acordo com o seu apotegma, ‘aquilo de que não se pode falar deve-se silenciar’. O místico apareceria então sob duas formas: ou antes da linguagem ideal, correta, ou depois dela, e isso de tal sorte que a linguagem com sentido ficaria sempre comprimida sob duas espécies de mística.”⁴

No TLP 6.45, Wittgenstein deixa-nos um exemplo explícito do místico: a visão do mundo como um todo limitado e o “maravilhar-se” de que exista algo em absoluto. E a Ética se ocupa do absoluto, não do bem relativo, logo a Ética é um “sem-sentido”, ou seja, o que não tem um sentido lógico, porém pode ter um sentido extraordinário; o que não pode ser dito, talvez, pode ser mostrado; pode manifestar-se por si mesmo.

Essa experiência do indivíduo com a vivência de totalidades absolutas, como, por exemplo, a existência do mundo como totalidade, o maravilhar-se, o espantar-se com essa realidade, nada mais é que a experiência pessoal do inefável. Essa experiência de totalidade jamais poderá ser descrita pela linguagem. A linguagem é referencial, por isso não pode descrever o mundo em sua totalidade.

A partir do exposto anteriormente sobre o místico em Wittgenstein, podemos aproximar-nos da noção de inefável para tentar uma conciliação entre o projeto ético e a análise lógica. Conciliar fronteiras que, ao parecer de muitos, são irreconciliáveis é a tentativa que lhe faz original e, além da ruptura com as idéias até então conhecidas sobre os conteúdos tratados, faz a transição entre o tradicional e o moderno. Até no modo de escrever a sua filosofia, é original para o século XX, usa de aforismos para explicar as suas proposições no TLP. Um filósofo como Wittgenstein é difícil enquadrar em uma linha de pensamento, ainda que alguns tentassem, pois faz filosofia da lógica, filosofia da linguagem, filosofia da matemática e psicologia da filosofia, transita pela maioria dos eixos do conhecimento.

⁴ FERRATER MORA, José. **Dicionário de filosofia**: tomo III, 2001, p. 1977.

Sua influência ético-metafísica deve-se, principalmente, a Tolstoi,⁵ Schopenhauer e Weininger. A tendência lógico-científica tem influência em Frege, Russell, leu os *“Princípios da Mecânica”* de Hertz e os *“Escritos Populares”* de Boltzmann; estes autores acreditam que a maioria dos problemas filosóficos teria solução na análise lógica da linguagem, por isso despertaram em Wittgenstein o interesse pela filosofia da ciência.

Em MAUTHNER⁶ na perspectiva radical da crítica da linguagem, onde percebe que a mesma é incapaz de descrever a realidade e isso exige que nos refugiemos no silêncio místico. Apesar de Wittgenstein ser influenciado pelas idéias de MAUTHNER, também acreditava na possibilidade da descrição científica do mundo através das técnicas de análise lógica baseadas nos trabalhos de Frege e Russell. *“Foi os Princípios da Matemática de Russell que exerceu influência decisiva na vida de Wittgenstein”*⁷.

“As contribuições a uma crítica da linguagem”, propostas por Fritz Mauthner, expostas nas páginas iniciais do seu primeiro volume, podem ser assim sintetizadas⁸: *“se desejo avançar para cima na crítica da linguagem, que constitui a ocupação mais importante da humanidade pensante, devo aniquilar a linguagem atrás de mim, diante de mim e em mim, passo a passo, assim como devo destruir cada degrau da escada quando subir por ela, quem quiser seguir-me, reconstrua os degraus, para de novo destruí-los.”*

Wittgenstein foi mais longe do que aqueles que de alguma maneira o influenciaram: era necessário estabelecer, de maneira criteriosa e do interior da própria linguagem o que pode e que não pode ser dito, no fundo ele queria indicar

⁵ TOLSTOI, apresenta uma versão extremamente pessoal do cristianismo na **“breve exposição do evangelho”**, publicada pela primeira vez na Suíça, em 1890. É uma versão dos evangelhos, condensada em doze capítulos ou princípios. Os quatro evangelhos são reunidos num só, omitindo todos os versículos referentes às histórias de João Batista e do próprio Jesus, procurando separar fatos relacionados a doutrinas estranhas do Judaísmo e acréscimos da Igreja. Tolstoi quer fazer um trabalho de recuperação do cristianismo autêntico, onde o entendimento da vida está na doutrina dos evangelhos. O sentido da vida está em viver pelo amor no presente autêntico, que viver assim é estar racionalmente unido a Deus, princípio e fundamento da vida.

⁶ Wittgenstein, apesar de não citar muito a Mauthner, faz uma menção explícita a este no TLP 4.0031: “toda a filosofia é uma crítica da linguagem, contudo não no sentido de Mauthner.” Fritz Mauthner (1848- 1923) é o primeiro escritor europeu moderno a considerar a própria linguagem como o tópico central e crucial da investigação filosófica. A crítica mauthneriana da linguagem está na sua obra: **“Contribuciones a una crítica del lenguaje”**, que é uma tradução de J. M. Villa, editada no México, em 1976, pela editora Juan Pablos S. A., do seu original alemão (1912): *“Beiträge zu einer kritik der sprache”*, publicado em três volumes.

⁷ MARGUTTI PINTO, Paulo Roberto. **Iniciação ao silêncio**. 1998. p. 43

⁸ Idem. Ibid., 1998. p. 76-78.

os limites do próprio mundo, expressos na possibilidade de dizê-lo. É isso que trata na célebre proposição sete do TLP: “*do que não se pode falar deve se calar*”. O que ele faz é uma purificação da linguagem e, purificá-la, é purificar a própria vida, é escapar de suas armadilhas que muitas vezes enfeitiçam o pensamento, isso é um trabalho ético, segundo a nossa leitura.

Por isso, ao apresentar os limites do mundo pelos limites da Lógica, Wittgenstein indica ser o “inefável” a expressão mais acabada dos significados do mundo, daqui concluímos que no fundo o tema essencial do “*Tractatus*” é a linguagem e os seus limites. A linguagem é a forma de expressão (MODELIZAÇÃO) – do nosso conhecimento – da realidade. É a linguagem o tema recorrente em todo o “*Tractatus*”, pois esta disfarça o pensamento, por isso para entender bem o TLP é necessário as noções de “fato” e de “estado de coisas”.

O *Tractatus* não é um livro fácil, pois é escrito por um autor lógico-místico, onde se entre-mesclam os conflitos existenciais e a sua luta pelo sentido da vida, mas podemos destacar alguns temas, que a nosso modo de ver são centrais.

Três temas centrais estão no *Tractatus Logico-philosophicus*: LÓGICA, LINGUAGEM E MUNDO: “de um lado, o mundo (os fatos) que é o aspecto objetivo da relação figurativa, do outro a linguagem (as proposições), que são o aspecto subjetivo; e, por fim a forma lógica...”⁹.

Essa mesma idéia, acima exposta, é partilhada por outro autor que afirma, serem a lógica, a linguagem e o mundo os três temas fundamentais do *Tractatus* expondo-os da seguinte forma:

Para Wittgenstein há, de um lado, o mundo e, do outro, palavras e proposições (linguagem). Ambas as realidades estão cada uma em si, tendo em comum a forma lógica. De um lado está a facticidade do mundo e, do outro a estrutura lógico – sintática da linguagem. Entre ambos existe um rigoroso paralelismo, sendo a análise do mundo correlativa a análise da linguagem. Claro, a ontologia não deve ser interpretada segundo parâmetros tradicionais, pois trata-se de modelos ou esquemas ou de formas puramente lógicas sem qualquer conteúdo.¹⁰

A proposição é uma afiguração da realidade. LINGUAGEM (proposição) e MUNDO (realidade), o MUNDO é descrito pela LINGUAGEM.

Através da Lógica, presente no TLP, Wittgenstein faz uma forte crítica à linguagem, estabelecendo as condições transcendentais daquilo que pode ser

⁹ LÓPEZ DE SANTA MARÍA DELGADO, Pilar. *Introducción a Wittgenstein: sujeto, mente y conducta*. 1986, p. 21.

¹⁰ ZILLES, Urbano. *O racional e o místico em Wittgenstein*, 2001. p. 34.

dito. Pelas suas convicções éticas, busca criar as condições favoráveis à contemplação beatífica do eterno presente.

Parece-nos que por meio da Lógica, Wittgenstein logo descobriu que a linguagem só é adequada para descrever fatos ou para lidar com expressões, cujos conteúdos estejam presentes nos fatos, por isso faz um paralelismo entre a estrutura da *linguagem* e a do *mundo*, que possuem a mesma essência, representada na ordem lógica das coisas, enquanto que a Ética o levou à experiência mística. Foi nos horrores da guerra e na proximidade com a morte que Wittgenstein descobre o sentido da vida, por meio da contemplação do inefável.

Este mundo e a linguagem possuem uma essência, que pode ser contemplada misticamente pelo sujeito transcendental, mas não pode ser colocada em palavras. A intuição filosófica descrita no TLP é perfeitamente correta, mas não pode ser dita. Isso se explica na distinção *dizer/mostrar*. A diferença *dizer/mostrar* será retomada na parte final deste primeiro capítulo.

No último aforismo do TLP “*sobre o que não se pode falar, deve se calar*”, aparece o sentido ético-lógico da obra. É irracional tentar descrever o que apenas se mostra e ceder à tentação de descrever é imoral.

O autor adota uma postura ética condizente com o questionamento radical da crítica da linguagem.

Ao apresentar os limites do mundo pelos limites da Lógica, Wittgenstein indica ser o “inefável” a expressão mais acabada dos significados do mundo.

Depois de escrever o TLP, Wittgenstein pensou ter resolvido todos os problemas da filosofia e afastou-se por vários anos do meio acadêmico. Retornando somente ao descobrir as deficiências que esta obra apresentava em relação à crítica da linguagem. Para encontrar solução para estas deficiências,

ocupa-se por dezesseis anos das “Investigações Filosóficas” (PU)¹¹, aperfeiçoando suas concepções filosóficas, onde rejeita as condições transcendentais de possibilidade da linguagem e busca descrever apenas as condições contingentes de uso das expressões lingüísticas numa dada forma de vida, onde constatou que as proposições metafísicas são contra-sensos decorrentes da má compreensão da linguagem. Tanto no TLP como nas PU, se propõe a fazer uma crítica radical da linguagem e suas possibilidades, concluindo pela vacuidade das proposições metafísicas, mudou a maneira de fazer crítica da linguagem, mas não a sua sede de absoluto. Esta contemplação silenciosa do absoluto constituiu-se como a porta para a busca de uma solução ao problema ético.

¹¹ “INVESTIGAÇÕES FILOSÓFICAS”, em alemão, “PHILOSOPHISCHE UNTERSUCHUNGEN”, que a partir de agora, denominaremos PU. Esta obra foi escrita por Ludwig Wittgenstein, em duas partes, a primeira parte estava completa por volta de 1945 e a segunda, foi escrita entre 1946 e 1949. Sabemos que depois da publicação do *Tractatus*, em 1921, Wittgenstein desinteressou-se pelo trabalho filosófico, retomando-o por volta de 1929. Nas Investigações Filosóficas, deixou de procurar a estrutura essencial da linguagem, partindo da idéia de que a linguagem não tem essência, mas é um conjunto de atividades uniformemente desempenhadas, vinculadas aos usos determinados a que pode servir em certas situações. Elabora a noção flexível de “jogo de linguagem”, para explicar que a significação da linguagem é dada pelo seu uso. As “Investigações Filosóficas” não serão objeto de estudos desta dissertação, por isso remetemos o leitor à obra mesma, os estudos apresentados por Arley R. Moreno, Bortolo Valle e Urbano Zilles, indicados em nossas referências.

1.1 O AMBIENTE EM QUE VIVE E SE DESENVOLVE LUDWIG WITTGENSTEIN

Ao longo do século XIX (1830, 1848 e também na década de 1860), sucederam-se os movimentos revolucionários e nacionalistas da Europa, até se instaurarem os regimes “democrático-liberais” nos países europeus ocidentais; a Alemanha é unificada e também a Itália. Foram esses movimentos e as idéias liberais propagadas pela Revolução Francesa, bem com a debilidade do trono espanhol, que impulsionaram as colônias hispânicas da América continental a declararem sua independência. Ainda no século XIX, a revolução industrial propagou-se do Reino Unido para todo o continente europeu; as indústrias têxteis e siderúrgicas estenderam-se por todo o ocidente europeu e uma rede de ferrovias uniu as cidades do continente. Por volta de 1866, a Áustria, pátria de Ludwig Wittgenstein, estava decidida a desempenhar um papel preponderante na confederação germânica e, não conseguindo, concentrou seus esforços na melhoria de suas relações com húngaros e eslavos.

Em 1867, estabeleceu-se o império austro-húngaro oficialmente (Áustria-Hungria), liderado por Francisco José, com capital em Viena. Era um conglomerado plurinacional, com fortes tensões internas e com uma política externa imperialista em relação à Europa central e balcânica.

Viena era a capital “cultural” da Europa, abrigou compositores como Haydn, Mozart, Beethoven, Schubert, Brahms, este um assíduo freqüentador da casa dos Wittgenstein, a família Strauss, Schoenberg e outras.

A Universidade de Viena é de 1365. Na Viena em que conviveu Wittgenstein, há numerosas instituições de ensino, instituições culturais, mais de trinta museus, um deles é a residência de Sigmund Freud. Os tesouros dos imperadores estão no palácio que abrange todo o complexo Hofburg, um palácio medieval da época de Leopoldo VI, com uma das mais notáveis arquiteturas da Europa. Há também muitos monumentos religiosos, sem dúvida, um dos mais imponentes é a Catedral da São Estevão, do século XII e XIII, uma das principais construções góticas da Europa. Tudo isso testemunha o esplendor imperial.

Nesta Viena conturbada, com fortes tensões internas e também externas, em busca de purificação, desconfiada da razão, concentrada em melhorar as

suas relações externas é que nasce e se desenvolve o gênio Ludwig Wittgenstein. São tensões políticas e sociais geradas, de modo especial, pelo desmoronamento do império Habsburgo e das manifestações entre os diversos movimentos, tão antagônicos como o nazismo e o anti-semitismo alemão e por outra parte o Sionismo.

Viena estava buscando identidade para a capital do império Habsburgo, em perigo de queda e estabilidade, expressão de um formalismo, quase incapaz de mascarar o “caos” subjacente, e para agravar este estado de coisas, os Habsburgos acreditavam ser os instrumentos de Deus na terra.

Os principais protagonistas da Viena de Wittgenstein são: Sigmund Freud, reconhecido na psicanálise fora do seu país, pois a sociedade vienense não soube entender o significado dos seus conhecimentos para a humanidade. Contra a pseudo-moralidade, máscaras e hipocrisias impostas pelo império, surge Karl Kraus com o seu periódico satírico “Die Fackel” (*a tocha*), um veículo de comunicação onde realizava as suas críticas e “expressava o descontentamento de muitos intelectuais com a sociedade vienense da época”¹². Kraus atacou também a psicanálise freudiana, dizendo ser esta uma espécie de máscara dos problemas burgueses e que tinha como objetivo distorcer o equilíbrio entre “masculino e feminino”, “razão e fantasia”, “consciente e inconsciente”.

Adolf Loos se destaca como defensor da simplicidade funcional na arquitetura, descartando adereços impostos a esta. O que Karl Kraus fez pela linguagem, Adolf Loos fez na esfera do *design*.

Oscar Kokoscha destacou-se na arte e pintura, agregando um elemento novo à pintura, a quarta dimensão, que é a projeção do nosso EU; não bastam as três dimensões na pintura. Também Gustav Klint inova a pintura com a assimetria das composições.

Arnold Schoenberg deixou fluir a criatividade e a fantasia na música, até então sufocadas.

Ernest Mach, ao rejeitar os conceitos de tempo e espaço absolutos, abre caminho para a teoria da relatividade de Einstein; também a sua filosofia, o empiriocriticismo, está nas bases do neopositivismo, especialmente em Bertrand Russell e Rudolf Carnap (1891-1970).

¹² MONK, Ray. **Wittgenstein: o dever do gênio**, 1995. p. 30-31.

Wittgenstein era um admirador de Weininger, Kraus e Loos. Antes, cerca de quinze anos do TLP, já se reconhecia, em Viena, a necessidade de uma filosofia geral da linguagem.

Sabemos que precocemente Wittgenstein leu "*Sexo e Caráter*", de Weininger, tornando-se um grande admirador dele. A rigidez e o nível de exigência para consigo mesmo levaram Weininger tragicamente ao suicídio: "Weininger foi uma figura quintessencialmente Vienense. A temática de seu livro bem como a maneira como morreu, constitui um poderoso símbolo das tensões sociais, intelectuais e morais da Viena *fin-de-siècle* em que Wittgenstein cresceu".¹³

Desde o berço, a cultura fora colocada como importância fundamental na família de Wittgenstein; o clima cultural de Viena era vivido de modo intenso por sua família. É muito provável que sua renovada sensibilidade e experiência intelectual se deva à herança das dúvidas, tensões e conflitos, vividos pela sua Viena.

Optou por fazer engenharia. Ainda no decurso de sua formação acadêmica, na adolescência, chegou em suas mãos o livro "*Princípios da Mecânica*", de Henrich Hertz, do qual Wittgenstein foi grande admirador.

Wittgenstein foi um jovem que teve contato com todo tipo de arte, inserido no meio cultural de sua Viena e com a consciência esclarecida sobre como deveria tratar o mundo e a si mesmo; interroga-se sobre a realidade da sua época, está preocupado com os problemas, angústias, frustrações e desalentos dos seus contemporâneos. Nessa tentativa de solucionar os problemas de seu tempo e em meio aos conflitos da guerra, produz o *Tractatus Logico-Philosophicus* (TLP).

O aspecto místico da vida de Wittgenstein, deve-se ao ambiente cultural de Viena e também, na época em que escreve o TLP, na Europa. Mas especialmente em Viena, criticavam-se os abusos da língua alemã em questão de política, literatura e ética, talvez aí resida o seu interesse pela linguagem e a busca de apoio em Frege e Russell, principalmente nessa primeira fase de sua filosofia. Adentrando-se nesses aspectos é mais fácil entender a sua obra filosófica.

¹³ Idem Ibid., 1995. p. 33.

1.2 O TRACTATUS LOGICO-PHILOSOPHICUS DE LUDWIG WITTGENSTEIN: A OBRA E A VIDA, UMA CONTINUIDADE

Em 26 de abril de 1889, nasce em Viena (Áustria) Ludwig Wittgenstein. Seu pai era um engenheiro, que chegou a dirigir uma indústria de ferro e aço. Era um homem de sangue hebreu, convertido ao protestantismo e sua mãe era católica, por isso o último dos oito filhos foi batizado na Igreja Católica, embora não-praticante: ao fazer sua inscrição militar em 1939, se declara "*católico-romano*". Inicia sua educação em 1893 e, em 1903, aos quatorze anos, entra numa pequena escola de Linz (Áustria), onde permanece por três anos. Em 1906, é transferido para a Technische Hochschule de Berlim, até 1908. Ainda em 1908, parte para Manchester (Inglaterra) para o curso de engenharia.

O TLP é o resultado do combate incessante do homem e suas idéias, é fruto do aprimoramento de seis anos (1912 a 1918) de uma vida, onde Wittgenstein confronta-se em pelo menos duas frentes: a guerra (Primeira Guerra Mundial) e outra batalha a ser travada, a das idéias, que uma vez empreendida, apesar de momentos de desânimo, leva-a até o fim, percorrendo o caminho dos aforismos para se expressar.

Sua vida foi de um grande despojamento e desprendimento em busca de soluções e, na tentativa de um estudante de engenharia de Manchester (1908-1911) definir bem a sua vocação.

Por meio de Frege, Wittgenstein encontra-se com Russell, em 1911, e como aluno de Russell, não parava de argumentar sobre o estatuto das proposições de existência e dos objetos do pensamento. Russell é o mentor de Wittgenstein, tinha alta consideração pelo mesmo. Como aluno, Wittgenstein sempre problematiza algo novo, de ordem lógica, existencial, moral ou intelectual.

Desse primeiro encontro com Wittgenstein, Russell registra o seguinte:

[...] ao final de seu primeiro período de estudos em Cambridge, aproximou-se de mim e disse: seria o senhor tão amável de me dizer se sou ou não um completo idiota? Repliquei-lhe: meu querido companheiro de College, não sei. Por que me pergunta? Ele disse-me: porque, se sou um completo idiota, serei engenheiro aeronáutico; mas, se não, serei filósofo. Respondi-lhe que, durante as férias me escrevesse algo sobre algum tema de filosofia e então lhe diria se era um completo idiota ou não. No começo do período seguinte, trouxe-me a tarefa sugerida. Depois de ler uma só linha, disse-lhe: não, você não deve fazer-se engenheiro aeronáutico.¹⁴

¹⁴ ZILLES, Urbano. Op. cit., 2001. p. 18.

Em 1912, quando seu pai morre, despoja-se de sua herança, doando suas posses a duas de suas irmãs para evitar a atração de amigos pelo dinheiro, abandonando o meio universitário para viver de modo simples. Em 1913, retira-se para a Noruega, até 1914, para resolver os problemas da Lógica que o atormentavam. Assim, ao iniciar a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), alista-se voluntariamente no exército, travando uma guerra com as suas idéias e lutando pelo sentido da vida, é neste combate que se produz o TLP. De 1914 a 1916, escreve “*notebooks*”¹⁵, uma das suas publicações póstumas onde já estão presentes muitas das idéias contidas no TLP, poderíamos considerá-lo uma espécie de *Proto-Tractatus*.

São estes registros, em forma de Diários Filosóficos, que nos possibilitam ter informações sobre parte das influências sofridas pelo autor e identificar o caminho em que Wittgenstein procura clarificar o pensamento, de acordo com o testemunho daqueles que partilharam da sua amizade.

JANIK e TOULMIN, afirmam que “as obras que lhe são consagradas (entre as quais o estudo recente de David Pears) nos levam a crer que seu interesse pela filosofia só foi despertado pela descoberta da lógica matemática de Frege e de Russell, em seguida, da epistemologia e da análise lingüística de Russell e Moore. Isso é seguro”¹⁶.

JANIK e TOULMIN nesta mesma obra citada, investigam com profundidade o entorno sócio-político-cultural da Viena de Wittgenstein: trazendo à luz tais realidades, o *Tractatus* é esclarecido e iluminado.

Numa análise minuciosa dos seus Diários Filosóficos, percebe-se que as tensões vividas pelo meio cultural vienense revelam o próprio autor e mostram que o mesmo não se preocupa, tão somente, com a Lógica, Epistemologia e análise lingüística. É um extrato da totalidade dos elementos postos em jogo na

¹⁵ “Notebooks”, que nós o denominaremos em nossa dissertação por “Cadernos”, seguindo a tradução de João Tiago Proença, revisada por Arthur Morão, Lisboa-Portugal, Edições 70, 1988. As reflexões contidas nestes “Cadernos”, a maior parte é de cunho lógico, mas também de cunho ético e religioso, escritas durante a Primeira Guerra Mundial, pelo bravo soldado do exército Austríaco, Ludwig Wittgenstein. De modo preliminar, nestas anotações, expõe a teoria pictórica da linguagem, que tomará sua forma definitiva no *Tractatus*. Sessão 1.2: para complementar os aspectos biográficos e da obra de Ludwig Wittgenstein, recomendamos uma leitura sintética de “o racional e o místico em Wittgenstein.” 2001:17-29; obra esta indicada em nossas referências.

¹⁶ JANIK, A.; TOULMIN, S. Wittgenstein’s Vienna. New York: Simon and Schuster, 1973, tradução francesa de J. Bernard, Wittgenstein, **Vienne et la Modernité**, Paris, 1978. p. 22.

preparação do *Tractatus*, iluminados pela dimensão ética que o autor imprimiu à sua existência.

Em 1918, quando o TLP já estava pronto, era necessário encontrar alguém que o publicasse. Por ser uma obra de pequeno porte, um manuscrito de apenas sessenta páginas, era difícil de acreditar que fosse de cunho filosófico, então Wittgenstein tem dificuldades em publicá-lo, recebendo “respostas nada positivas das editoras de Kraus, Weininger e Frege.”¹⁷

Wittgenstein recorreu a Ludwig Von Ficker, para que este lhe encontrasse um editor capaz de publicar sua obra. Ficker quis submeter o manuscrito a um professor de filosofia, mas Wittgenstein responde: “mostrar uma obra filosófica a um professor de filosofia seria como lançar pérolas aos porcos.”¹⁸

De um campo de prisioneiros na Itália, em 1918, remeteu o manuscrito do TLP, que já estava pronto, a Bertrand Russell, permanecendo com este e Frege, durante 1919 e 1920; enquanto isto, Wittgenstein dedicou-se ao magistério no interior da Áustria, de 1920 a 1926. Somente em 1921, apareceu o TLP na Alemanha, nos “*Annalen der Naturphilosophie*”, dirigido por Wilhelm Ostwald, no último volume. O atraso na publicação deve-se ao fato de Wittgenstein rejeitar com insistência a introdução que Bertrand Russell havia preparado.

Em 1922, enquanto Wittgenstein trabalha como professor primário, surge a edição inglesa do TLP, sem dúvida o aparecimento de dita obra na Inglaterra é um mérito de Bertrand Russell, contendo a introdução feita por esse, C. K. Ogden traduz para o Inglês, confrontando com o original alemão.

Durante o ano de 1925, passa por momentos de crise, chegando em 1926, a abandonar o professorado, trabalhando como jardineiro de um convento das monjas beneditinas de Huetteldorf, próximo a Viena. Nesta época, pensou até em ser monge. De 1926 a 1928, colaborou no projeto de construção de uma casa para sua irmã, em Viena.

Chega a Cambridge em 1929, preparando-se para o doutoramento que acontece em junho deste mesmo ano, publicando o artigo “*Some Remarks on Logical Form*”, em *Proceedings of the Aristotelian Society*.¹⁹

¹⁷ MONK, Ray. Op. cit., p. 170.

¹⁸ Idem. Ibid., p. 171.

¹⁹ ZILLES, Urbano. Op. cit., p. 21.

Segundo Urbano Zilles, esse artigo “algumas observações sobre a forma lógica”, juntamente com o *Tractatus*, são os únicos escritos publicados por Wittgenstein, durante a sua vida.

De 1930 a 1951, há uma grande produção, praticamente todas obras publicadas postumamente. De 1944 a 1947 é professor em Cambridge, aonde veio a falecer em 29 de abril de 1951.

O livro *Tractatus Logico-Philosophicus* está escrito em forma de suras do Alcorão ou dos livros da Bíblia, com uma divisão em capítulos e versículos, colocados em forma decimal, segundo o grau de importância e relação. Neste trata a linguagem formalizada lógico-matematicamente, enquanto nas *Investigações Filosóficas* reconhece a legitimidade de um número indefinido de linguagem. Resumiremos isso na seguinte nota:

Toda a obra filosófica de Wittgenstein está polarizada pelo *Tractatus* e pelas *Investigações Filosóficas*. Comum a ambas as obras é o estudo da linguagem. Cada uma a considera de maneira diferente. Na primeira, sua filosofia centra-se na linguagem formalizada lógico-matematicamente e, na segunda, na linguagem comum ou ordinária. Enquanto no *Tractatus* considerava uma única linguagem possível, rigorosamente elaborada baseada num paralelismo total entre linguagem e mundo, nas *Investigações* reconhece a legitimidade de um número indefinido de linguagens dentro da linguagem comum, cada qual com suas próprias regras, que chama de jogos de linguagem.²⁰

A obra começa com a afirmação: “o mundo é tudo o que acontece...” e termina numa injunção mística ao silêncio em face do inefável, no estilo da teologia apofática: “aquilo que não se pode falar, deve-se calar”, sugerindo que algo tem de ser intuído a partir da nossa vivência.

O TLP consta de sete teses, registradas como proposições, que são numeradas de modo pseudo-científico, tendo os números decimais como números das proposições individuais que indicam o peso lógico das proposições e a ênfase que lhes é dada na exposição. Depois, irá fazendo observações e explicações em cada uma das proposições, assumindo outra numeração.

Temos proposições como as que seguem:

- 1. O mundo é tudo o que é caso.
- 1.1 O mundo é a totalidade dos fatos, não das coisas.
- 1.11 O mundo é determinado pelos fatos e assim por serem todos os fatos.

Nesta primeira parte do TLP, dedicada ao mundo, aos fatos, aos estados de coisas, praticamente do 1 até 2.063, onde o autor trata dos temas mencionados, dedica-se à sua Ontologia. Apesar de que no prefácio do TLP já se trate da representação simbólica, inicia com a Ontologia, uma vez que a natureza

²⁰ Idem. Ibid., p. 27.

da representação e daquilo que representa (pensamento/ linguagem) mantém com a natureza do que é representado (a realidade) uma relação de afiguração.

Em seguida trata da teoria da figuração, da filosofia, da teoria da lógica, da matemática, da ciência e do místico, até jogar a escada fora, tão logo se tenha subido por ela, traçando assim os limites do dizível e do indizível.

Hans-Johann Glock ²¹ afirma que o TLP se divide em quatro partes, que correspondem aos estágios de seu desenvolvimento:

- a) A teoria da lógica (1912-1914)
- b) A teoria da figuração (1914)
- c) A discussão sobre a ciência e a matemática (1915-1916)
- d) A discussão sobre o místico (1916-1917).

Com essa maneira aforística de escrever suas teses, percebe-se que a obra é uma tentativa de estabelecer os limites entre o pensável e o impensável, entre o mundo e o que está fora do mundo, mediante o que se pode e o que não se pode falar, entre o “sentido” e o “sem-sentido”. Esse modo de escrever de Wittgenstein leva-nos a crer que o TLP não quer tratar apenas assuntos lógicos e lingüísticos, mas traçar uma reflexão sobre a realidade e sobre o ser, ainda que às vezes implicitamente.

Em 1919, três pessoas que, de certa forma, compartilhavam com as idéias de Wittgenstein e foram as primeiras a receber uma cópia do manuscrito do TLP, Engelmann, Russell E Frege, depois de haver lido, reagiram como mostraremos a seguir: Engelmann responde, em 06 de abril de 1919, em tom de brincadeiras, prestando uma homenagem a Wittgenstein em forma de paródia amistosa, usando o seu sistema de numeração, dizendo que havia recebido o manuscrito do TLP por meio de uma das irmãs de Wittgenstein. Dizia que o compreendia, e que seu propósito de proporcionar-lhes algum prazer, através do referido manuscrito, o atingiu.

Em 28 de junho de 1919, Frege primeiro se desculpa pela demora em responder e expõe suas dúvidas sobre a precisão da linguagem utilizada por Wittgenstein no manuscrito enviado a ele, reagindo desse modo²²: “logo no início, deparo-me com as expressões ‘é o caso’, ‘é o fato’, e desconfio que *é o caso* e *é o fato* são o mesmo. O mundo é tudo que é o caso e o mundo é a totalidade dos

²¹ GLOCK, Hans-Johann. **Dicionário Wittgenstein**. 1998. p. 357.

²² MONK, Ray. Op. cit., p. 155.

fatos. Mas não é todo fato o caso, o que é o caso, não é um fato? Não seria a mesma coisa eu dizer ‘A é um fato’ ou ‘A é um caso’? Por que então essa duplicidade de expressões? [...] Em seguida surge uma terceira expressão: ‘o que é o caso, o fato, é a existência de estados de coisas.’ Imagino que isso significa que todo fato é a existência de um estado de coisas, de tal modo que outro fato é a existência de outro estado de coisas. Não se poderia eliminar as palavras ‘a existência de’ e afirmar ‘um fato é um estado de coisas e cada outro fato é um outro estado de coisas?’ Não se poderia também afirmar ‘todo estado de coisas é a existência de um fato?’”.

Como Frege, Russell tinha dificuldade de entender a diferença entre ‘*fato*’ e ‘*estado de coisas*’. Parece-nos que foi Russell o que mais se adentrou no manuscrito do TLP, procurando entendê-lo e expondo a Wittgenstein, através de cartas, as suas principais dúvidas. De certa forma, era em Russell que Wittgenstein²³ “depositava toda a sua esperança em ser compreendido, pois o mesmo conseguira ler o manuscrito por inteiro, duas vezes, com muito cuidado”.

Russell está de acordo no que se refere às proposições, onde afirma que: “as proposições lógicas são tautologias, que não são verdadeiras no mesmo sentido que as proposições substanciais”²⁴. Russell expõe suas dificuldades e as envia em forma de carta. Tinha dificuldade em aceitar a idéia de que algumas coisas, como por exemplo, a forma lógica, não podem ser expressas através da linguagem e precisam ser mostradas. Também rejeitava a teoria dos tipos, exposta por Wittgenstein no TLP 3.331.

Sobre a parte final do livro TLP, Russell deteve-se pouco e sobre as observações da ética, estética, alma, e o significado da vida não se pronunciou e termina respondendo a Wittgenstein:²⁵ “tenho certeza de que você está certo em pensar que o livro é da máxima importância. Mas aqui e ali é obscuro pela concisão”. E promete a Wittgenstein que logo devolverá o seu manuscrito, demonstrando intenso desejo em revê-lo.

²³ Idem. Ibid., p. 156.

²⁴ Idem. Ibid., p. 157.

²⁵ Idem. Ibid., p. 158-159.

Segundo o exposto pelo próprio Wittgenstein, no prólogo do TLP²⁶, “o livro trata dos problemas da Filosofia e mostra, creio eu, que a posição de onde se interroga esses problemas repousa numa má compreensão da lógica da nossa linguagem. Todo o sentido do livro podia ser resumido nas seguintes palavras: ‘o que é de todo exprimível, é exprimível claramente; e aquilo de que não se pode falar, guarda-se em silêncio’”.

Eis as sete teses expostas em forma aforística:

- 1^a O mundo é tudo o que é o caso.
- 2^a O que é o caso, o fato, é a existência dos estados de coisas.
- 3^a A imagem lógica dos fatos é o pensamento.
- 4^a O pensamento é a proposição com sentido.
- 5^a A proposição é uma função de verdade das proposições elementares.
- 6^a A forma geral de uma função de verdade é $[\bar{p}, \bar{x}, n(\bar{x})]$.
- 7^a Acerca daquilo de que se não pode falar, tem que se ficar em silêncio.

Urbano Zilles dá a seguinte explicação resumida sobre as sete teses:

Podemos constatar que as duas primeiras proposições se referem ao fundamento ‘ontológico’ de sua filosofia (mundo, estado de coisas, fatos); na terceira tese desenvolve a transição da ontologia para a ‘teoria do conhecimento’ (relação entre o mundo e os pensamentos sobre o mundo); na quarta tese inicia-se o estudo da linguagem (as proposições significativas como veículo de formulação dos pensamentos); nas duas teses seguintes aborda a estrutura interna da linguagem; na última proposição ou tese estabelece o limite entre o mundo da ciência e a metafísica e tudo que não é descritível logicamente.²⁷

A primeira tese é uma explicação do mundo e dos fatos que acontecem no mesmo; na segunda tese se estabelecem as relações, conexões entre os fatos, as coisas, a independência mútua dos estados de coisas, o espaço lógico, os objetos e a correspondência entre figura e o figurado.

Na terceira tese, faz-se uma análise do pensamento verdadeiro como imagem figurada do mundo. Expõe-se a teoria dos tipos e a necessidade de um simbolismo rigoroso.

²⁶ WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus Logico-Philosophicus*. 1961. p. 27 (Prólogo, Viena, 1918).

²⁷ ZILLES, Urbano. Op. cit., p. 34.

Na quarta tese, descreve-se a linguagem, os conjuntos de proposições e a incapacidade de captar a lógica da linguagem, onde o pensamento é a proposição com sentido ou significado.

Na quinta tese, detém-se nos fundamentos da verdade das proposições e dos limites da linguagem e do mundo.

Na sexta tese, descreve-se a representação da forma geral de uma função de verdade, onde $\bar{P}$ representa todas as proposições atômicas; ξ representa qualquer conjunto de proposições e $N(\xi)$ representa a negação de todas as proposições que constituem ξ . Este símbolo inteiro $[\bar{P}, \xi, N(\xi)]$ descreve um processo pelo qual a partir das proposições atômicas, todas as outras podem ser geradas. É também a forma geral da proposição.

A Lógica para Wittgenstein, além de ser vista como um conjunto de tautologias, é vista também como um reflexo do mundo. Na parte final do TLP, Wittgenstein dedica-se ao Místico (TLP 6.373 a 6.522), e à Ética, que está incluída na parte do místico. Expõe sobre a morte (TLP 6.4311) e a imortalidade da alma humana (TLP 6.4312), sobre o ceticismo (TLP 6.51) e sobre Deus (TLP 6.432).

Na tese 6.53, no penúltimo versículo, Wittgenstein, depois de haver dito o que pode ser dito, vê a necessidade de jogar a escada fora, para que possamos ver o mundo de modo correto, conduzindo-nos assim à parte mais importante do *Tractatus*, a segunda, aquela que não foi escrita em forma de palavra, mas posta na forma do silêncio, e termina assim: “As minhas proposições são elucidativas pelo fato de que aquele que as compreende as reconhece afinal como falhas de sentido, quando por elas se elevou para lá delas (tem que, por assim dizer, deitar fora a escada, depois de ter subido por ela). Tem que transcender estas proposições; depois vê o mundo de modo correto” (TLP 6.54).

A escada lógica revelou que a linguagem só é adequada para descrever fatos ou para lidar com expressões cujos conteúdos surjam dos fatos, por isso a necessidade de um paralelismo entre a estrutura do mundo e da linguagem que, para Wittgenstein, possuem a mesma essência representada pela ordem lógica das coisas, enquanto que a escada ética possibilitou ao mesmo a experiência mística.

Destaquem-se os sofrimentos da guerra e a convivência com a tragédia em sua própria família, onde três dos seus irmãos se suicidaram²⁸: “Hans, em 1902, fugiu para os Estados Unidos e desapareceu misteriosamente numa viagem de barco, tudo indica que se suicidou, desejava a música mas, seu pai preferia vê-lo como administrador. Rudolph e Kurt também se suicidaram, respectivamente em 1904 e 1918.” Estes sofrimentos levam o jovem Wittgenstein a descobrir o sentido da vida, através da contemplação do inefável do eterno presente do cristianismo Tolstoiano. Por isso chega, à seguinte conclusão: “A solução do problema da vida nota-se no evanescimento do problema (Não é este o motivo pelo qual aqueles, para quem após longa dúvida o sentido da vida se torna claro, não são capazes de dizer em que é que este sentido consiste?).

Existe no entanto o inexprimível. É o que se revela, é o místico” (TLP 6.521 e 6.522).

Conclui, então, o *Tractatus* com a célebre injunção mística, que será central neste ensaio monográfico, que é a sétima proposição: “Do que se não pode falar, é melhor calar-se: ... e mais nada, o que mostra que a linguagem não pode exprimir tudo” (TLP 7).

Como estamos tratando do autor e da obra é muito ilustrativo e sintético o que o filósofo alemão Walter Schulz expõe sobre a tríplice significação de Wittgenstein:

a) Como o autor do *Tractatus*, cujo ponto de partida é a moderna lógica matemática (influência de Frege e Russell); b) como pensador independente não classificável. Neste sentido, cita a proposição final do *Tractatus*: ‘o que não se pode falar, deve-se calar’; c) como criador de possibilidades futuras à atividade filosófica, superando o positivismo através da idéia de jogos de linguagem nas *Investigações Filosóficas*.²⁹

A seguir, destacaremos outros pontos importantes do *Tractatus* de Wittgenstein.

²⁸ MARGUTTI PINTO, Paulo Roberto. Op. cit., 1998. p. 41.

²⁹ ZILLES, Urbano. Op. cit., p. 32.

1.3 OUTROS TEMAS RELEVANTES DO TRACTATUS LOGICO-PHILOSOPHICUS E SUAS RELAÇÕES³⁰

Podemos afirmar que o primeiro momento do “Círculo de Viena”³¹, no que diz respeito à concepção que faziam da ciência e da filosofia, esteve sob a influência predominante do *Tractatus Logico-Philosophicus* de Ludwig Wittgenstein, unindo a concepções já anteriormente elaboradas por Moritz Schlick nas suas obras “Espaço e tempo na física presente” (1917) e “Teoria geral do conhecimento” (1918). Moritz Schlick é o fundador do Círculo de Viena.

É no TLP de Wittgenstein que está o germe do positivismo lógico do Círculo de Viena, que se centra no problema da linguagem, porém sabe-se que entre o Wittgenstein do TLP e o Positivismo Lógico do Círculo de Viena há grande divergência:

O positivismo lógico não adotou sua teoria da figuração e rejeitou totalmente as proposições metafísicas. Wittgenstein assumiu uma atitude mais aberta em relação à metafísica. Os estudos de K. T. Fann e outros mais recentes mostraram, de maneira convincente, que o *Tractatus* não é anti-metafísico. Separando ciência e vida, Wittgenstein, de maneira alguma, quer dizer que a última não exista ou que seja menos leal que a primeira. Apenas diz que a ciência é clara, não a vida. A metafísica pertence à vida.³²

É claro que não há somente divergências entre os componentes do Círculo de Viena e Wittgenstein, mas muitos dos pressupostos convergem, separam vida e ciência, entendem a ciência como ciência exata, as proposições lógico-analíticas são tautológicas, a possibilidade da verificabilidade das proposições empíricas.

³⁰ Essa seção 1.3 sobre outros temas relevantes do TLP, principalmente quando se traça um paralelo entre Kant e Wittgenstein, está elaborada segundo a leitura de STEGMÜLLER WOLFGANG. *A filosofia contemporânea*, 1977. p. 422-429.

³¹ CÍRCULO DE VIENA: surge em Viena, no início de 1929, formado por um grupo de pessoas de orientação cientificista sobre a concepção do mundo, liderado por Moritz Schlick. Os cinco postulados do Círculo de Viena são: a concepção científica do mundo, a intersubjetividade das sentenças, o esclarecimento lógico dos enunciados, a intuição como fonte de conhecimento e a verdade relativa. Além disso, discutem sobre outros problemas como: os fundamentos da Aritmética, da Física, da Geometria, da Biologia, da Psicologia e das Ciências Sociais. O grupo é formado pelos seguintes membros: Gustav Bergmann, Herbet Feigl, Kurt Gödel, Viktor Kraft, Marcel Natikin, Theodor Radakovic, Rudolf Carnap, Philipp Frank, Hans Hahn, Karl Menger, Otto Neurath e Moritz Schlick, e por diversos outros simpatizantes. Informação extraída do texto: “A Concepção Científica do mundo – o Círculo de Viena”, publicado com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) [s.d.]

³² ZILLES, Urbano. Op. cit., p. 33.

Sob certo ponto de vista, podemos comparar Wittgenstein a Kant. Com efeito, este procura determinar os limites do pensamento objetivo (necessário e universal), ou seja, do pensamento válido que pode dizer algo sobre a realidade. Wittgenstein procura conhecer os limites da linguagem, isto é, da linguagem que pode expressar algo, com sentido, sobre a realidade. Assim como em Kant há condições *a priori*, transcendentais, do pensamento empírico, assim também para Wittgenstein há condições *a priori* transcendentais para uma linguagem que não queira ser pura fala no vazio, mas que tenha significado. Está claro para Wittgenstein que a linguagem tem a necessidade de referir-se a uma realidade. Este é um dos seus pressupostos fundamentais.

De certa forma, o que faz Wittgenstein é delimitar aquilo que pode-se dizer pela linguagem, que é o campo do discurso científico sobre os fatos e o mundo e o que está além desses, que é a Ética, a Estética e a Religião, traçando assim os limites do que se pode pensar e representar pela linguagem.

Favrholdt³³, numa interpretação e crítica do TLP de Wittgenstein, afirma que “a grande diferença entre ambos é o ponto de partida do pensamento deles, Kant parte da ciência existente na época, o fato da ciência, enquanto Wittgenstein parte da lógica da época, o fato da lógica”.

Apresentamos algumas proposições onde Wittgenstein faz afirmações sobre o pensamento, a linguagem e a proposição:

“A imagem lógica dos fatos é o pensamento”. (TLP 3)

“A totalidade dos pensamentos verdadeiros é uma imagem do mundo”. (TLP 3.01)

“O pensamento é a proposição com sentido”. (TLP 4)

“A totalidade das proposições é a linguagem” (TLP 4.001)

“A proposição mostra o seu sentido. A proposição mostra como as coisas se passam se é verdadeira. E ela diz, que as coisas se passam assim”. (TLP 4.022)

Por estas proposições, vemos que para Wittgenstein a linguagem deve poder representar o pensamento e a realidade. Aliás, para ele, o pensamento se identifica com a linguagem. Não introduz ao pensamento nada de novo entre a realidade e a linguagem.

³³ FAVRHOLDT, David. **An interpretation and critique of Wittgenstein's Tractatus**. 1967. p. 191.

Para que a linguagem, porém, possa satisfazer às exigências supracitadas pelas afirmações de Wittgenstein, é necessário que tenha uma estrutura que a afine com o mundo. Ora, para Wittgenstein, o mundo é constituído de fatos elementares.

“O mundo é a totalidade dos fatos, não das coisas”. (TLP 1.1)

“O mundo decompõe-se em fatos”. (TLP 1.2)

“A estrutura do fato consiste nas estruturas dos estados de coisas”. (TLP 2.034)

“A totalidade dos estados de coisas que existem é o mundo”. (TLP 2.04)

“Os estados de coisas são independentes uns dos outros”. (TLP 2.061)

“Da existência ou da não-existência de um estado de coisas, não se pode deduzir a existência ou a não-existência de um outro.” (TLP 2.062)

Para entendermos o vocabulário de Wittgenstein³⁴ é oportuno observar que o conceito de fato é mais fundamental que o de objeto. Primeiro, na percepção, vem o mundo dos fatos, divididos em fatos individuais, e esses, por sua vez, compreendem coisas e atributos. A nossa percepção do mundo não se dá a partir dos elementos (coisas) para a totalidade (fatos), mas da totalidade para os elementos.

Wittgenstein³⁵ distingue ainda entre fatos e estados de coisas. Ambos pertencem à categoria dos fatos, porém os fatos são a expressão do real possível e os estados de coisas, do real existente. As proposições do *Tractatus*, acima mencionadas, mostram-nos como, para Wittgenstein, o mundo não é um todo cujas partes são necessariamente conexas, mas uma totalidade de fatos independentes.

Compreendemos que Wittgenstein ao afirmar que “o mundo é a totalidade dos fatos, não das coisas”, quer dizer que o mundo como fato divide-se em fatos individuais, que compreendem coisas e atributos. E que o mundo é determinado por fatos e não por objetos.

Aprofundando a nossa compreensão, exposta nos dois parágrafos anteriores, sobre os termos usados no vocabulário de Wittgenstein, queremos destacar *fato*, *objeto* e *estados de coisas*. Os fatos e os estados de coisas, pertencem à categoria dos fatos, porém a diferença está que o fato sempre se

³⁴ GLOCK, Hans-Johann. **Dicionário Wittgenstein**, 1998. p. 158-159, 266-267.

³⁵ ZILLES, Urbano. Op. cit., p. 40-44.

refere a algo que realmente ocorre e os estados de coisas figuram algo que possivelmente ocorre. Os estados de coisas são estruturas logicamente possíveis, por isso se uma proposição elementar corresponde a um estado de coisas que ocorre, é verdadeira; do contrário, é falsa.

Os objetos têm em si a possibilidade de ser parte integrante dos estados de coisas. A noção de objeto ou coisa é uma noção lógica.

Aos objetos só podemos nomeá-los, não descrevê-los. A eles aplicamos nomes (nome é um elemento simples que corresponde ao objeto), enquanto que para os fatos, aplicamos proposições. A proposição é uma imagem ou figuração dos fatos.

“O estado de coisas é uma conexão entre objetos” (TLP 2.01), enquanto que “os objetos formam a substância do mundo” (TLP 2.0021). Os objetos simples são os constituintes últimos da realidade, e são essencialmente simples.

A linguagem apta a figurar o mundo tem que ser uma linguagem que possa afinar-se com o mundo. Tal linguagem não é a linguagem comum, mas aquela cujo processo de formação é o andaime lógico. Vejamos o que afirma Wittgenstein:

A realidade tem que ser fixada pela proposição em sim ou em não. Para isso ela tem que ser completamente descrita pela proposição. A proposição é a descrição de um estado de coisas. Tal como a descrição de um objeto é feita segundo as suas propriedades externas, assim a proposição descreve a realidade segundo as suas propriedades internas. A proposição constrói um mundo com ajuda de um andaime lógico, e por isso se pode também ver na proposição, como tudo se relaciona logicamente, se ela é verdadeira. É possível tirar inferências de uma proposição falsa.” (TLP 4.023)

É importante compreender a afirmação wittgensteiniana, segundo a qual *“por meio da proposição a realidade deve ser fixada enquanto sim, enquanto não”*. Isto significa que a proposição deve ter um sentido preciso, ou seja, dar condições que nos possibilitem dizer, aprioristicamente, quando o afirmado é verdadeiro, quando é falso. Atinge-se assim uma linguagem perfeitamente lógica. Para obter-se esta linguagem, é necessário proposições elementares, atômicas, que são funções de verdade de si mesmas. As proposições complexas, por sua vez, são funções de verdade das proposições elementares, estas consistem de nomes vinculados imediatamente com o mundo, representando uma configuração de objetos simples.

O interessante ou desconcertante, no entanto, é que para estabelecer a linguagem adequada para falar da realidade, Wittgenstein lança mão da Lógica e declara depois que esta só produz tautologias e contradições.

“As proposições da lógica são tautologias”. (TLP 6.1)

“Assim as proposições da lógica nada dizem. (São as proposições analíticas)”. (TLP 6.11)

“É claro que para o mesmo fim se podia utilizar contradições em vez de tautologias”. (TLP 6.1202)

É no mundo da Lógica, ou seja, das proposições analíticas, que podemos encontrar as leis *a priori* de conexões entre os fatos. Quando digo: faz frio e não faz frio exprimo a totalidade de possibilidades sobre o tempo, e, quando digo: faz frio e calor aqui, excluo qualquer possibilidade, exprimo uma possibilidade. Essas são verdades necessárias, independentes dos fatos, mas, por isso mesmo, são tautologias. De um lado, por tanto, temos o mundo dos fatos atômicos, cujos nexos nós não captamos, e da linguagem que a ele corresponde; do outro lado, o mundo da lógica, com seus nexos necessitantes, mas vazios de sentido.

Entretanto, o mundo da lógica é importante, porque as conexões necessárias dela mostram a lógica do mundo real.

Há dois mundos distintos: o da Lógica e o dos fatos.

Os esquemas científicos que falam da realidade como um todo, necessariamente uno, irrelacionado, com hipóteses, teorias e leis, são esquemas simplificadores, úteis, mas arbitrários.

Wittgenstein expressa a relação existente entre esses dois mundos do seguinte modo: “A proposição pode representar a realidade inteira, mas não pode representar aquilo que ela tem que ter em comum com a realidade, para poder representar, a forma lógica. Para podermos representar a forma lógica, teríamos que nos poder situar com a proposição fora da lógica, isto é, fora do mundo”. (TLP 4.12)

“A proposição não pode representar a forma lógica, esta espelha-se nela. O que se espelha na linguagem, ela não pode representar.

O que se exprime na linguagem, nós não podemos exprimir através dela. A proposição mostra a forma lógica da realidade. Aponta para ela”. (TLP 4.121)

“O que pode ser mostrado não pode ser dito.” (TLP 4.1212)

“A lógica do mundo, que as proposições da lógica mostram nas tautologias, mostra-se em matemática por meio de igualdades.” (TLP 6.22)

De outra forma, podemos dizer que a proposição representa a realidade sem poder, porém, dizer porque pode representá-la.

Destas afirmações se conclui o valor das proposições filosóficas ou metafísicas que pretenderam sempre ser uma linguagem necessária (como a da lógica) sobre realidades meta-empíricas ou meta-factuais. Daí que Wittgenstein conclui que as proposições éticas são “sem sentido:”

As proposições e questões que têm sido escritas acerca de temas filosóficos não são, na sua maior parte, falsas mas sem sentido. Não podemos por isso responder a questões deste gênero mas apenas estabelecer a sua falta de sentido. As proposições e questões dos filósofos fundamentam-se na, sua maior parte, no fato de nós não compreendermos a lógica da linguagem. (Elas são do gênero da questão de saber se o bem é mais ou menos idêntico que o belo). E não é surpreendente, que os mais profundos problemas não são de todos problemas. (TLP 4.003)

Baseados nas afirmações anteriores que, a nosso modo de ver, são o âmago do TLP, a competência principal da filosofia é realizar um trabalho crítico da linguagem, fazer ruir o edifício do enfeitiçamento da linguagem, clarificando os conceitos e o pensamento. É uma atividade elucidativa e não uma doutrina, vejamos algumas afirmações de Wittgenstein no TLP: “A filosofia não é uma ciência da natureza. (A palavra filosofia tem que denotar alguma coisa, que está acima ou abaixo das ciências da natureza, mas não ao lado delas)”. (TLP 4.111)

“O objeto da filosofia é a clarificação lógica dos pensamentos”.

A filosofia não é uma doutrina, mas uma atividade. Um trabalho filosófico consiste essencialmente em elucidações.

O resultado da filosofia não é ‘proposições filosóficas’ mas o esclarecimento das proposições.

“A filosofia deve tornar claros e delimitar rigorosamente os pensamentos que de outro modo são como que turvos e vagos”. (TLP 4.112)

“A filosofia delimita o domínio controverso da ciência da natureza”. (TLP 4.113)

“Ela deve delimitar o que é pensável, e assim o impensável. Ela deve delimitar o impensável do interior, através do pensável”. (TLP 4.114)

“Ela denotará o indizível, ao representar claramente o que é dizível”. (TLP 4.115)

Não somente Wittgenstein promove um trabalho crítico da linguagem, atividade principal da filosofia, que apresentamos anteriormente, também Kant

conferia à Filosofia, um caráter crítico que a levasse a definir o que é cognoscível e o que não o é; com a diferença que Kant recupera a temática tradicional da metafísica na Crítica da Razão Prática e na Crítica do Juízo. Wittgenstein chega à conclusão de que, para além da realidade factual só é viável o silêncio místico. Ele não nega a existência do indizível; pelo contrário, afirma-o. Não tenta, porém, articular nada sobre ele. Prefere o silêncio.

“Existe no entanto o inexprimível. É o que se revela, é o místico” (TLP 6.522).

Chegada a essas conclusões, Wittgenstein percebe que sua atitude é paradoxal, pois ele fala sobre o indizível. Daí a conclusão de TLP 6.54 e TLP 7.

“As minhas proposições são elucidativas pelo fato de que aquele que as compreende as reconhece afinal como falhas de sentido, quando por elas se elevou para lá delas (Tem que, por assim dizer, deitar fora a escada, depois de ter subido ela).

Tem que transcender estas proposições, depois ver o mundo de modo correto” (TLP 6.54).

“Acerca daquilo que se não pode falar, tem que se ficar em silêncio.” (TLP 7).

Realmente Wittgenstein calou-se por muito tempo, praticamente de 1921, época da publicação do *Tractatus*, até sua retomada nos temas filosóficos, em 1929. Retirou-se para uma vida simples na Áustria. Retornando ao trabalho filosófico, em 1929, porém com uma atitude menos pretensiosa, faz uma análise das várias linguagens concretas, sem esforçar-se por estabelecer uma linguagem única.

A nosso modo de entender esse seu silêncio, seu “calar-se”, disse muito mais do que aquilo que já havia sido posto em palavras.

Depois de destacar outros pontos relevantes no TLP de Wittgenstein, apresentaremos a diferença entre o *dizer* e o *mostrar*, que é essencial para a compreensão do referido autor.

1.4 A DIFERENÇA ENTRE DIZER E MOSTRAR

Partindo da afirmação “tem que transcender estas proposições; depois vê o mundo de modo correto” (TLP 6.54), que Wittgenstein faz no penúltimo parágrafo do *Tractatus*, deprendemos que para ele é mais importante aquilo que não se pode dizer, por isso ao tratar da linguagem ideal e também no uso corrente da mesma, traça o limite entre o dizível e o indizível, sendo que este, em muitos casos é o ético (Cf. TLP 6.42 e 6.421), aquilo que não podemos colocar em palavras.

Afirma claramente que a Filosofia “denotará o indizível, ao representar claramente o que é dizível” (TLP 4.115); e também “delimitar o impensável, do interior, através do pensável” (TLP 4.114). “Está acima ou abaixo das ciências da natureza, mas não ao lado delas” (TLP 4.111).

Somente com a delimitação dos campos do pensável e do impensável, do dizível e do indizível, é que o ser humano estará preparado para a liberação da sua própria personalidade.

Antes de aprofundar a temática da diferença DIZER (*sagen*) e MOSTRAR (*zeigen*) é necessário uma reflexão sobre as seguintes afirmações de Wittgenstein contidas no *Tractatus*:

“A proposição pode representar a realidade inteira, mas não pode representar aquilo que ela tem que ter em comum com a realidade, para a poder representar, — a forma lógica. Para podermos representar a forma lógica, teríamos que nos poder situar com a proposição fora da lógica, isto é, fora do mundo”. (TLP 4.12)

“A proposição não pode representar a forma lógica, esta espelha-se nela.

O que se espelha na linguagem, ela não pode representar. O que se exprime na linguagem, nós não podemos exprimir através dela. A proposição mostra a forma lógica da realidade. Aponta para ela”. (TLP 4.121)

“O que pode ser mostrado não pode ser dito”. (TLP 4.1212)

Nestas afirmações de Wittgenstein, há duas teorias que se interrelacionam, a da “figuração descritiva” e a da “figuração ontológica”. Observemos a seguinte nota³⁶:

³⁶ STENIUS, Erik. *Wittgenstein's Tractatus*, 1964. p. 177.

Referindo-nos, agora, à distinção entre ‘dizer e mostrar’, Erik Stenius, afirma que existe uma diferença entre a relação de uma descrição lingüística – ou seja, uma proposição – com a realidade; e a relação entre a linguagem em seu conjunto – como um sistema – e a realidade. A primeira relação é denominada ‘teoria da figuração descritiva’ (*descriptive picture theory*) a qual implica uma similitude de estrutura externa entre uma proposição e o que descreve; a segunda relação é uma ‘teoria da figuração ontológica’ (*ontological picture theory*) que necessita uma similitude interna de estrutura entre linguagem e realidade. No sentido estrito, figuração é aquela que implica uma equivalência entre a estrutura externa da realidade e a linguagem, e, portanto falar de figuração ontológica seria um uso metafórico do termo.

Para Wittgenstein, uma linguagem que não diz fatos é sempre vazia, não significativa, carente de sentido, nisso ele enquadra as proposições de verdades matemáticas, pois são apenas nomes, identidades, símbolos; as proposições filosóficas, pois, não se deixam reduzir a proposições atômicas, têm somente levado a ilusões. E os enunciados de verdades lógicas, tanto as tautologias como as contradições, que no fundo são o limite da linguagem, também são vazios de sentido.

Podemos deduzir daqui que a linguagem não é qualquer tipo de enunciado ou proposição, mas o conjunto daquelas formas lógicas proposicionais que podemos representar através dos fatos.

Nisto reside o problema que no início deste capítulo já aludimos, nas divergências e convergências entre Wittgenstein e o Círculo de Viena, onde este se apoderou apenas do *dizer* e deixou totalmente de lado o *mostrar*, ficando apenas com a perspectiva empirista e esquecendo a perspectiva mística, talvez a mais importante do TLP. Vejamos a seguinte nota: “O limite traçado por Wittgenstein ao dizer interpretado numa perspectiva empirista, inspirou o positivismo lógico do Círculo de Viena, que simplesmente ignorou a significação dada ao silêncio ou ao místico, que se pode mostrar”.³⁷

Nas seguintes afirmações do TLP, podemos deduzir que há vários níveis de *mostrar*, do mais elementar até o mais profundo.

“A proposição mostra o seu sentido.

A proposição mostra como as coisas se passam se é verdadeira.

E ela diz, que as coisas passam assim” (TLP 4.022)

O fato de mostrar como as coisas se passam se é verdadeira, não passa de uma explicação, como são as coisas, mas sem penetrar no íntimo do ser

³⁷ ZILLES, Urbano. Op. cit., p. 50.

destas para descobrir *porque* são assim. A proposição *diz* o que *mostra*, mas não explica a sua razão de ser.

“A proposição pode representar a forma lógica, esta espelha-se nela.

O que se espelha na linguagem, ela não pode representar.

O que se exprime na linguagem, nós não podemos exprimir através dela.

A proposição mostra a forma lógica da realidade.

Aponta para ela”. (TLP 4.121)

“O que pode ser mostrado não pode ser dito” (TLP 4.1212)

Das afirmações acima, entendemos que a proposição pode mostrar a forma lógica da realidade, mas não pode dizê-la, já que é na forma lógica que está o mundo e a linguagem, e é aí onde se constituem os seus próprios limites. É um mostrar quase no sentido de exhibir. A realidade pode representar a proposição, porque ambas devem ter em comum aquilo que representam.

É importante recordar que a forma lógica não é um fato do mundo, mas é a forma da linguagem e do mundo, por isso a mesma constitui os seus limites. É na estrutura interna da proposição que se mostra a forma lógica, ou seja, na própria proposição.

Existe um terceiro nível do *mostrar*, que nos dedicaremos na próxima seção. É o que está fora da linguagem e fora do mundo, nos referimos ao que não pode ser dito, ao que não é fato, pois não ocorre no mundo, que é o *místico*, o inefável. Nada mais é que a preocupação ética de Wittgenstein, da qual o Círculo de Viena ignorou e, da qual nos ocuparemos fundamentalmente.

“A contemplação do mundo *sub specie aeterni* é a sua contemplação como um todo limitado. Místico é sentir o mundo como um todo limitado”. (TLP 6.45)

“O que é místico é que o mundo exista, não como o mundo é”. (TLP 6.44)

É neste ‘silêncio’ místico ou nesta fronteira que se pode traçar o limite entre o mundo e a linguagem e, é descobrindo essa existência do mundo com os seus limites, que podemos dizer algo sobre eles. Aqui não cabe a metafísica onde teríamos que saber onde está fundado, ou nos perguntar pela origem, mas cabe a mística, que é a posição de Wittgenstein convidando-nos ao silêncio, pois diante da linguagem e do mundo não podemos nos estar questionando pela origem de ambos.

No fundo, as relações entre o *dizer* e o *mostrar* querem caracterizar e limitar o trabalho que compete ao filósofo e o que é específico do cientista. Não é

somente uma demarcação dessas competências, além disso Wittgenstein, quer expressar a atitude ou melhor a sua postura filosófica diante da Ética, pois como esta, a Estética e a Religião, não podem ser expressas pela linguagem, mas apenas mostradas.

É muito significativo o que diz Ray Monk sobre a distinção entre *mostrar* e *dizer*, que servirá como a conclusão dessa seção: “Um elemento central do livro é a distinção entre mostrar e dizer, esta é a chave para se compreender a superfluidade da teoria dos tipos na lógica e para se perceber a inefabilidade das verdades éticas. Aquilo que a teoria dos tipos procura dizer pode ser mostrado por um símbolo apropriado e o que se deseja dizer acerca da ética só pode ser mostrado intuindo-se o mundo *sub specie aeternitatis*. Assim: ‘há por certo o inefável. Isso se mostra, é o místico’.”³⁸

É do místico que discorreremos na seção seguinte.

1.5 O MÍSTICO EM LUDWIG WITTGENSTEIN

Iniciaremos esta seção com o que o próprio Wittgenstein descreve no TLP, preocupado com a publicação do seu pequeno manuscrito, depois da resposta negativa de várias editoras, provavelmente por não compreenderem uma palavra do que se tratava.

Wittgenstein deposita total esperança no seu amigo Ficker, numa carta escrita em 1919, para que o mesmo editasse o seu livro e explica-lhe algo sobre a referida obra:

Na realidade, porém, o livro não lhe será estranho, dado que a sua temática é ética. Eu pretendia incluir algumas palavras a respeito no prefácio que não foram incluídas, mas que transcrevo em seguida porque talvez possam lhe fornecer uma chave. Eu pretendia esclarecer que a obra consiste em duas partes: a que está aqui e tudo aquilo que eu não escrevi. E a parte importante é precisamente a segunda. Pois a ética é delimitada internamente, por assim dizer, em meu livro; e estou convencido de que, estritamente falando, ela só pode ser delimitada dessa maneira. Em resumo, penso que: tudo aquilo sobre o que muitos hoje estão discorrendo a esmo eu defini em meu livro simplesmente calando-me a respeito. Portanto, a menos que muito me engane, o livro terá muitas coisas a dizer que você próprio gostaria de dizer, embora possa não se dar conta que estão ditas nele. Por ora, recomendaria que você lesse o *prefácio* e a *conclusão*, pois expressam seu intento de forma mais imediata.³⁹

³⁸ MONK, Ray. Op. cit., 1995. p. 150.

³⁹ Idem. Ibid. p. 170-171.

Esclarece-se aqui que o mais importante da obra é a segunda parte, aquela que não escreveu e não a outra, a que está escrita, deixando claro que a temática do seu livro é ética. Daqui podemos compreender ainda melhor o que ele quer dizer com o famoso aforismo número sete do TLP, “Acerca daquilo de que se não pode falar, tem que se ficar em silêncio” ; além de expressar uma verdade lógico-filosófica, expressa um preceito ético.

Nos Cadernos, deixa claro que é a insatisfação dos nossos desejos para com a ciência que nos impulsiona para o místico.

“O impulso para o místico provém da insatisfação dos nossos desejos mediante a ciência. Sentimos que, mesmo se todas as questões científicas possíveis obtivessem uma resposta, o nosso problema nem sequer ainda foi aflorado. É claro que então já não resta mais questão alguma; e tal é justamente a resposta.”⁴⁰

Como nos referimos na seção anterior, o místico nos parece o nível mais profundo do *mostrar* e, como já citamos no TLP 6.45, se o místico é sentir o mundo como um todo limitado, é esta mesma intuição do místico a que coincide com a intuição dos limites. Somente com este sentimento místico poderemos tomar uma nova postura e posicionamento referentes aos limites do mundo e da linguagem, pois “o místico é o estranho face à linguagem”.⁴¹

Wittgenstein deixa claro que as questões significativas devem sempre ser passíveis de respostas, pois para ele “o enigma não existe” (TLP 6.5), porém isso não significa que depois dos limites de uma teoria significativa haja somente o nada, ao contrário, existe aquilo que não podemos dizer, mas que se mostra, se revela, que é o místico (TLP 6.522).

Quando se diz “o que é místico é que o mundo exista, não como o mundo é” (TLP 6.44), está dando-se mais importância ao *que* do que ao *como* as coisas são, deixando em aberto a questão do místico, cujo “papel argumentativo não está bem evidente no TLP” , não está muito claro, “se o místico apresenta apenas um limite da linguagem ou se ele apresenta uma condição da possibilidade da linguagem”.⁴²

⁴⁰ WITTGENSTEIN, Ludwig. **Cadernos 1914-1916**, 1998. p. 77.

⁴¹ WALNNER, Friedrich. **A obra de Wittgenstein como unidade**, 1997. p. 88.

⁴² Idem. Ibid. p. 88.

Tudo aquilo que não é abrangível pela ciência, pelo sujeito empírico, está na esfera mística, pois o sujeito pensante não é como algo que ocorre no mundo descritível, está na vida cotidiana, “por isso não pode haver proposições da Ética. As proposições não podem exprimir nada do que é mais elevado (TLP 6.42)”.

A Ética e outras questões como, a Estética, a metafísica e a religião não se pode pôr em palavras, não deixam exprimir, como afirma: “é obvio que a Ética não se pode pôr em palavras. A Ética é transcendental. A Ética e a Estética são um (TLP 6.421)”. São questões que se situam além da nossa linguagem. O limite entre o dizível e o indizível, é um limite que só é possível na linguagem, pois dizendo tudo o que é possível dizer, denotaremos aquilo que é o indizível.

Não é porque os métodos científicos e técnicos não explicam o que emerge dos fenômenos religiosos, que podemos ignorá-los, pois é em nossas ações que o místico mostra-se, apesar de nada podermos dizer sobre o mesmo. Segundo Wittgenstein, não se pode *dizer* mas só mostrar: “a estrutura da linguagem e, com isso, a estrutura do mundo na própria fala; a estrutura da linguagem manifesta-se em proposições lógicas, de modo especial em tautologias, contradições, afirmações analíticas etc.; e o limite do mundo é o místico” .⁴³

Após essa ambientação histórica, cultural e filosófica de Ludwig Wittgenstein, passaremos ao capítulo segundo com o nosso intento de aproximação entre o projeto ético e a análise lógica no pensamento do referido autor.

⁴³ ZILLES, Urbano. Op. cit., p. 52.

CAPÍTULO II – A ÉTICA E A LÓGICA EM LUDWIG WITTGENSTEIN

Na busca do sentido da vida e na tentativa de solucionar o seu intenso drama existencial, como vimos no capítulo anterior, onde dizíamos que a vida e a obra do autor são uma continuidade, Wittgenstein usa não só do recurso à escada lógica, para a tarefa fundamental de fazer uma forte crítica da linguagem, tentando estabelecer as condições transcendentais de possibilidade do que pode ser dito, mas também da escada ética, que se mostra no desenvolvimento do TLP.

Nesta outra escada, a da ética, o autor tenta estabelecer as condições favoráveis à “contemplação beatífica” do eterno presente.

Se observarmos, profundamente, a combinação das duas escadas, a lógica e a ética, estas o levaram à conciliação das pesquisas lógicas com as convicções éticas.

A escada lógica revelou que a linguagem serve para descrever fatos ou para lidar com expressões cujo conteúdo apareça nos fatos.

Na ordem lógica das coisas, está representada a estrutura da linguagem e do mundo, que possuem a mesma essência e esta, muitas vezes, ultrapassa o domínio dos fatos, que não podem ser descritos pela linguagem.

A escada ética foi a que lhe possibilitou a “experiência mística”. No sofrimento e a luta constantes para encontrar o sentido da vida, na proximidade com a morte, durante a I Guerra Mundial, quando o filósofo alistou-se como voluntário, aparece a contemplação inefável do eterno presente motivado pelo cristianismo *Tolstoiano*⁴⁴. É tão marcante essa vivência que ele afirma no aforismo 6.522: “existe no entanto o inexprimível. É o que se revela, é o místico.”

Sem a articulação dessas duas escadas, Lógica e Ética, será impossível compreender a obra de Wittgenstein, ou seja, em cada degrau que subirmos, percebemos a incapacidade da linguagem como um todo para exprimir o inexprimível, porém indo para lá da escada, vemos que os “contra-sensos” ou “sem-sentidos” do *dizer* vão morrendo para dar passagem ao *mostrar*, onde não

⁴⁴ Remetemos o leitor à página 9 do I Capítulo dessa dissertação, onde nos referimos a Tolstoi.

mais o sujeito empírico, mas o sujeito transcendental contempla silenciosamente aquilo que apenas se *mostra* e não pode ser *dito*.

O último aforismo do TLP, o número sete, expressa bem o que estamos percorrendo, nele o argumento ético-lógico aparece em toda a sua plenitude: “acerca daquilo de que se não pode falar, tem que se ficar em silêncio.”

A dívida de Wittgenstein na opinião de Weininger, é clara, este último afirma que:

[...] lógica e ética são fundamentalmente o mesmo, nada mais são do que o dever para consigo mesmo. Elas celebram sua união pelo serviço mais elevado à verdade, que é obscurecida em um caso pelo erro e, no outro, pela inverdade. Toda ética é possível apenas pelas leis da lógica e a lógica nada mais é que o lado ético da lei. Não apenas virtude, mas também intuição, não apenas santidade, mas também sabedoria, são os deveres e tarefas da humanidade.⁴⁵

Praticamente esta mesma idéia é sustentada por Wittgenstein ao dizer que a “ética não trata do mundo. A ética deve ser uma condição do mundo, como a lógica”.⁴⁶

Devemos recordar aqui que para Wittgenstein o mundo não é, em si, nem bom nem mau; “o bem e o mal sobrevêm apenas através do sujeito. E o sujeito não pertence ao mundo, mas é um limite do mundo”⁴⁷.

Poderíamos afirmar então, que a lógica se entende como a componente objetiva das condições transcendentais de possibilidade da realidade, enquanto que a ética é a componente subjetiva dessas condições transcendentais e, no ponto de encontro desses dois eixos centrais, dá-se a intuição mística.

A conexão entre a lógica e a ética, reside no fato de serem ambas transcendentais, por isso não podem tratar do mundo, se o fizessem, seriam factuais.

A estrutura lógica da linguagem pode-se “mostrá-la”, através das proposições, porém o valor ético não se mostra nem por meio de proposições dotadas de significado, somente em nossas ações.

Nos propomos, na próxima seção destacar as convicções éticas de Wittgenstein, e em seguida, a análise lógica e a passagem da lógica à mística.

⁴⁵ WEININGER, Otto. **Sex and Charater**, 1906. p. 159.

⁴⁶ WITTGENSTEIN, Ludwig. **Cadernos 1914-1916**, 1916. p. 114.

⁴⁷ Idem. Ibid., p. 117.

2.1 A ÉTICA EM LUDWIG WITTGENSTEIN

Em carta a *Von Ficker*, que em seguida citaremos, Wittgenstein sustenta que o ponto central do *Tractatus* é a Ética. Nessa carta, deposita sua esperança em Von Ficker, para a publicação do TLP, para que o conteúdo do livro não pareça estranho, explica: “Na realidade, porém, o livro não lhe será estranho, dado que a sua temática é ética... A ética é delimitada inteiramente, por assim dizer, em meu livro; e estou convencido de que, estritamente falando, ela só pode ser delimitada dessa maneira”.⁴⁸

A Ética trata do domínio superior, que aparece tanto na esfera de valor como nas estruturas da linguagem, que não podem ser ditos, mas somente mostrados.

A estrutura da linguagem e a esfera de valor têm em comum a inefabilidade. Tudo o que é factual é acidental, já a ética, a estética e a lógica estão ligadas pelo fato de serem transcendentais.

O valor, ainda que possa ser mostrado nas ações e nas atitudes, não poderá ser mostrado nem em proposições dotadas de significado. Vejamos as seguintes afirmações de Wittgenstein: “A ética não trata do mundo. A ética deve ser uma condição do mundo, como a lógica”.⁴⁹

Ao afirmar, no *Tractatus*, que o sentido do mundo tem que estar fora do mundo e ao explicar e afirmar o valor, o autor diz que “não pode estar no mundo o que o tornaria em não acaso, porque seria de novo acaso. Tem que estar fora do mundo” (TLP 6.41). Wittgenstein está insistindo, aqui, na impossibilidade de estabelecer proposições de natureza ética.

Derivam daí as seguintes conclusões: “Por isso não pode haver proposições éticas. As proposições não podem exprimir nada do que é mais elevado. É obvio que a ética não se pode pôr em palavras, pois é transcendental.” (TLP 6.42 e 6.421)

As proposições éticas não existem, pois no mundo “não existe qualquer valor, o valor está fora do mundo” (TLP 6. 41). Valores não são fatos, se o fossem, não teriam valor algum, é por isso que não pode haver proposições de

⁴⁸ MONK, Ray. Op. cit., 1995. p. 170.

⁴⁹ WITTGENSTEIN, Ludwig. *Cadernos 1914-1916*, 1916. p. 114.

ética. Não podemos pôr em palavras o que pertence a um nível “mais elevado” (TLP 6.42), logo são impossíveis as proposições éticas. “A Ética é transcendental” (TLP 6. 421), é a condição de possibilidade do mundo.

Paulo Margutti esclarece:

[...] apesar de excluído do domínio dos fatos, o valor ético deve existir sob alguma outra forma, sabemos que a filosofia tractatiana envolve duas entidades fundamentais: o sujeito transcendental e o mundo, que estão um para o outro assim como, respectivamente, o olho está para o seu campo visual. O olho não se encontra no seu campo visual, mas é seu limite. De maneira análoga, o sujeito transcendental não se encontra no mundo, mas é limite dele. Assim embora não pertença ao mundo como conjunto de fatos, os valores pertencem ao sujeito transcendental como limite do mundo.⁵⁰

Em referência às nossas ações, os juízos éticos têm uma natureza orientacional, pois justificam o modo como agimos, “não se pode falar da vontade como suporte do juízo ético” (TLP 6.423).

Nenhum critério fático poderá conduzir a um juízo moral, pois aquilo que consideramos bom ou mal numa ação, estão fora da ação, ou seja, a vontade boa ou má não é parte integrante do evento, depende somente da pessoa que o realiza.

Cremos que, das afirmações que Wittgenstein faz sobre a ética no TLP e nos Cadernos⁵¹ (1914-1916), como já nos referimos anteriormente, uma coisa está bem clara, a ética não se pode expressar com palavras, pois ela é transcendental, pertence ao mais elevado, ao domínio superior, porém podemos extrair dessas afirmações três importantes conclusões.

A primeira é que não há proposições de ética, pois a ética não trata de fatos, apesar de Wittgenstein considerar ético todo o *Tractatus*, como já aludimos, e mais, as afirmações éticas não podem ser consideradas verdadeiras ou falsas. Quando diz que não pode haver proposições de ética, está chamando atenção, à sua maneira, sobre a peculiaridade das preferências éticas.

Se as proposições éticas existissem, possuiriam um conteúdo descritivo determinado, como uma série de fatos enumerados, porém os fatos são acidentais e, sendo assim, conduziriam somente a um sentido relativo. É por isso que, em sentido absoluto, são “sem-sentidos”, porque tentamos expressá-las sem um conteúdo descritivo, se o fizéssemos, necessariamente, teríamos que justificá-

⁵⁰ MARGUTTI PINTO, Paulo Roberto. Op. cit., 1998. p. 236.

⁵¹ “CADERNOS”, essa denominação que estamos utilizando neste trabalho está explicada na página 17 do Capítulo I da referida dissertação.

las em termos de valores necessários, então, seriam proposições factuais, como os valores são totalmente diferentes dos fatos, é impossível colocá-las em palavras.

A segunda conclusão é que a ética é inexprimível, isso não quer dizer que Wittgenstein está sendo incoerente com a sua teoria da linguagem, mas quando diz que sobre a ética não se pode falar, é porque as proposições não podem expressar nada mais elevado que os fatos. Sendo factuais, estão em outro nível, que apesar de poder falar de expressões éticas, as mesmas são inexprimíveis, pois apenas se mostram.

A terceira conclusão é que a ética é transcendental. No contexto do TLP 6.41, que antecede a afirmação do TLP 6.421, “*a ética é transcendental*”, Wittgenstein esclarece que, ao qualificar a ética como transcendental, não está se referindo ao que tradicionalmente denominamos por ‘transcendentais’, ou seja, os conceitos ou idéias que não pertencem a nenhuma categoria particular, mas que podem aplicar-se a todas. Refere-se, sim, ao que fica fora do mundo, como o valor e, por isso, transcendem ao mundo, portanto transcendental. Esse caráter transcendental da ética, também da estética e da crença religiosa, não se deve ao fato de refletirem a estrutura do mundo, mas porque transcendem aos fatos do mundo.

Na “Conferência sobre ética”, em 1929, o filósofo expõe as suas idéias sobre a ética, chegando à conclusão de que a ética é inefável:

Meu único propósito, e creio que o de todos aqueles que trataram alguma vez de escrever ou falar de ética ou religião, é arremeter contra os limites da linguagem. Este arremeter contra as paredes de nossa gaiola é perfeita e absolutamente desesperador. A ética, na medida em que surge do desejo de dizer algo sobre o sentido último da vida, sobre o absolutamente bom, o absolutamente valioso, não pode ser uma ciência. O que diz a ética não acrescenta nada, em nenhum sentido, ao nosso conhecimento. Porém é um testemunho de uma tendência do espírito humano que eu pessoalmente não posso senão respeitar profundamente e que por nada desse mundo ridicularizaria.⁵²

O que nos leva a compreender que não existe qualquer descrição significativa, que expresse a ética, o valor. Qualquer expressão que tentasse defini-los careceria de sentidos, pois a falta de sentido constitui a sua própria

⁵² WITTGENSTEIN, Ludwig. **Conferencia sobre ética**. (texto em espanhol) Da coleção PENSAMIENTO CONTEMPORÂNEO, dirigida por Manuel Cruz. Traduzida por Fina Birulés, da Universidade de Barcelona, 1989. p. 43.

essência. As expressões éticas e religiosas nos ajudam a ir além do mundo e, isso nada mais é que ultrapassar a linguagem significativa.

Apresentaremos, a seguir, algumas interpretações de diferentes autores sobre o tema da ética em Wittgenstein.

2.1.1 ALGUMAS INTERPRETAÇÕES ÉTICAS NO TRACTATUS

Partiremos da introdução realizada por Bertrand Russell ao TLP, na qual expressa certa estranheza e até desconforto em relação ao indizível, o ético, o místico, dizendo o seguinte:

Toda disciplina da ética, por exemplo, é posta pelo Sr. Wittgenstein na região do inexprimível, do místico. No entanto ele consegue transmitir as suas opiniões éticas. O seu argumento de defesa seria que o que ele chama místico poder ser mostrado, embora não possa ser dito. Pode ser que este argumento seja adequado mas eu, pela minha parte, tenho que confessar que me deixa com uma certa impressão de desconforto intelectual.⁵³

Pensamos que a isso se deva a dificuldade de Wittgenstein em relutar contra a introdução citada anteriormente. Tanto Bertrand Russell, como o Círculo de Viena, esqueceram ou deixaram de lado a segunda parte, a não escrita, que é a ética, presente no TLP. A partir dos anos (1960 a 1970) afloraram muitas obras tratando dessa parte esquecida, que em nosso entender, permeia e perpassa toda a referida obra.

Martínez afirma:

Só nos anos setenta é que começaram a ser redimensionadas essas 'proposições esquecidas' através das interpretações chamadas geralmente de 'éticas'. É possível que o 'atraso', digamos assim, das leituras éticas tenha uma explicação histórica: os manuscritos que davam maior ênfase à questão mística, à vontade e aos valores no pensamento de Wittgenstein tiveram sua publicação atrasada. Exemplo disso, são os 'Cadernos' (*Notebooks*), publicados recentemente em 1961; a 'Conferência de Ética', em 1965; e, a também famosa carta a Von Ficker, onde declara o sentido ético do *Tractatus*, dada a conhecer ao público no final dos anos sessenta.⁵⁴

Nesta mesma página, Martínez, nesta mesma linha de pensamento, expõe a luta travada entre Wilhem Baum e os herdeiros literários de Wittgenstein com a publicação dos seus Diários Secretos.

⁵³ RUSSELL, Bertrand. **Introdução ao Tractatus Logico-Philosophicus de Ludwig Wittgenstein**, 1922. p. 22.

⁵⁴ Martínez, Horacio Luján. **Subjetividade e Silêncio no Tractatus de Wittgenstein**. 2001. p. 166.

É muito importante o que destaca Cyril Barrett, na seguinte citação, e cremos que é por isso o grande interesse pelo aspecto ético do TLP e em suas outras obras nestes últimos anos.

Wittgenstein também advertiu que ainda que o livro diz muito do que o próprio Von Ficker quer dizer, ele poderia não ver o que nele se diz. Seja o que for o que Wittgenstein queria dizer ao referir-se sobre a parte mais importante do livro, que é a não escrita, e o que não está escrito no livro no entanto está dito nele, está claro o que o *Tractatus* significava para Wittgenstein. Para ele não é sobretudo um trabalho de lógica e linguagem; é um livro de ética.⁵⁵

O que tenta esclarecer o autor, na opinião acima, é que não devemos cair nos extremos, não supervalorizar a lógica e a linguagem do TLP em detrimento dos aspectos éticos da obra e nem o contrário. Não podemos desconsiderar nenhum dos aspectos, pois o mundo dos valores é de bastante importância na leitura do TLP. Podemos perceber bem isso, detendo-nos na última parte do TLP, de 6.4 até 6.54 e também a proposição 7, que está permeada do conteúdo dos valores, da lei ética, da felicidade, da vontade enquanto portadora da ética, daquilo que tem valor superior e não se deixa exprimir; do transcendental, do místico, em suma, da ética.

Somente evitando priorizar uma das partes da obra, evitamos cair em dogmatismo e, assim, ver que a obra completa, ou seja, o livro visto como um todo harmonioso em que se entre-mesclam a lógica e a ética.

Ao acompanhar o *Tractatus*, além de ser difícil, temos que cuidar para não expressar o que ele próprio não se propôs, contra isso nos alerta Cyril Barrett:

[...] seria imperdoável se utilizássemos uma interpretação como uma tradução ou paráfrase do pensamento de Wittgenstein, ou pior ainda, como uma substituição da mesma. Seria encontrar uma substituição verbal para peça musical ou uma substituição em prosa de um poema. E contudo ainda oferecemos interpretações de música e poesia. Quando menos podemos falar dessas coisas de modo claro para o ouvinte.⁵⁶

Sendo que o mesmo C. Barrett deixa claro qual a sua intenção a respeito da interpretação de uma parte central do pensamento de Wittgenstein, que é o aspecto ético: “o propósito deste livro, portanto, não é só tratar de interpretar essa parte do pensamento de Wittgenstein que ele considerou central, e explicar porquê pensou que um livro que aparentemente trata da linguagem e da lógica,

⁵⁵ BARRETT, Cyril. Op. cit., 1994. p. 16.

⁵⁶ Idem. Ibid, 1994. p. 16.

tratava de fato de ética. Também é delimitar a interpretação dessa área, elusiva e central, do seu pensamento.”⁵⁷

Conforme já explicitado, na carta a *Von Ficker*, Wittgenstein, explica que o sentido do TLP é ético, apesar de não debruçar-se sobre a temática ética e dos valores, à primeira vista, e dizer que a segunda parte do TLP, a que é a mais importante não foi escrita, através do que se diz na obra, podemos depreender o que não se disse no TLP e aí estar de acordo com C. Barrett: “depois de tudo, o que não se pode dizer, não se pode dizer extensamente”⁵⁸.

A sensação de estranheza e desconforto intelectual, causada em Bertrand Russell, relatada na introdução ao TLP, deve-se ao fato que o místico, o indizível, Deus e o ético, foram questões colocadas à margem, ou até desvalorizadas por aqueles que optaram por uma interpretação unilateral, como a do Círculo de Viena. Quiçá seja por isso que muitos dos escritos de Wittgenstein, que tratavam especialmente da ética, tenham aparecido somente na década 1960 a 1970. Mais que um tratado de lógica, ou análise da linguagem, o TLP é um livro de ética, no qual se trata do mundo dos valores, da vontade, do místico, do indizível, do inefável.

2.1.2 A INTENÇÃO ÉTICA PRESENTE NO TRACTATUS

A intenção ética permeia toda a obra de Wittgenstein, a qual estamos dissertando. Segundo o nosso modo de ver, dedica-se mais à ética, na parte final, tese seis em diante, da qual é bem ilustrativo o seguinte:

Sentimos que mesmo quando todas as possíveis questões da ciência fossem resolvidas os problemas da vida ficariam ainda por tocar. É claro que não haveria mais questões; e esta é a resposta.

A solução do problema da vida nota-se no evanescimento do problema.

(Não é este o motivo pelo qual aqueles, para quem após longa dúvida o sentido da vida se torna claro, não são capazes de dizer em que é que este sentido consiste?).”⁵⁹

Wittgenstein quer com isso fixar os limites do factual, através de um processo de auto-anulação, onde distingue o que é possível ser dito e o que é possível ser mostrado. Está tratando da complexidade das relações entre o eu e o mundo e dos limites da ciência, que nem chegam por tocar os problemas da vida.

⁵⁷ Idem. Ibid., 1994. p. 16.

⁵⁸ Idem. Ibid., 1994. p. 17.

⁵⁹ Idem. Ibid., 1961: 141 (TLP 6.52 e 6.521)

Ao nosso modo de ver, reside nessa delimitação uma intenção ética, pois se pensa nos dois lados do limite, questões da ciência e os problemas da vida.

É nas relações do eu com o mundo, onde “o dizer e o mostrar”⁶⁰ se alternam, que se produz a intenção ética. A alternância entre o dizer e o mostrar é verificada ou exposta no papel da atividade filosófica que, como dissemos, “é atividade, não doutrina”,⁶¹ “deve delimitar o impensável, do interior, através do pensável”⁶² e “denotar o indizível, ao representar claramente o que é dizível”⁶³.

Ao desempenhar o seu papel, a filosofia mostra o “sem-sentido”, que é querer sobrepor-se aos limites da linguagem, tentando dizer o que não se pode e ao mesmo tempo nos leva a ver o mundo de modo correto. E levar a ver corretamente o mundo, a lógica e a linguagem é um trabalho prático, ativo, essencialmente ético.

A diferença entre o *dizer* e o *mostrar* é, no fundo, a diferença ou a caracterização do papel que deve exercer o cientista e do papel que deve exercer o filósofo. Aí está o centro da questão de Wittgenstein, o que deixou de ser dito, é essencialmente, segundo a sua postura filosófica, o mais importante, é o ético.

Ao nosso parecer, Wittgenstein enfatiza a ética de circunstância, do homem educado, uma conclusão óbvia, pois sendo a linguagem pública, o privado é o inefável, sendo assim, não poderá existir um manual para isso.

E, do ético, só se pode mostrar, dizê-lo é impossível, pois não há linguagem que o expresse. O limite entre o dizer e o mostrar é traçado na linguagem, enquanto expressão do pensamento, ir além desse limite seria um “contra-senso”, pois o próprio Wittgenstein admite, nas últimas linhas do TLP, que:

As minhas proposições são elucidativas pelo fato de que aquele que as compreende as reconhece afinal como falhas de sentido, quando por elas se elevou para lá delas. (Tem que, por assim dizer, deitar fora a escada, depois de ter subido por ela).
Tem que transcender estas proposições; depois vê o mundo a direito.⁶⁴

⁶⁰ Para entender a doutrina do “dizer e do mostrar”, remetemos o leitor ao item 1.4 da presente dissertação. Ao livro de Horácio Luján Martínez: “Subjetividade e Silêncio no Tractatus de Wittgenstein”, citado no capítulo II do presente trabalho. E, por suposto, nas proposições 4.022; 4.12; 4.121; 4.1212; 4.161 e 6.522 do TLP.

⁶¹ WITTGENSTEIN, Ludwig. Op. cit., 1961. p. 62 (TLP 4.112).

⁶² Idem. Ibid., p. 63 (TLP 4.114).

⁶³ Idem. Ibid., p. 63 (TLP 4.115).

⁶⁴ Idem. Ibid. p. 142 (TLP 6.54).

Concluir o TLP com esse convite é acima de tudo um ato ético do autor, uma postura original, essencialmente ética, pois aquele que pretendeu buscar no TLP uma fundamentação filosófica ou uma base para um estatuto ético, acabou por não encontrá-lo. Somente quem, analisando o mecanismo lógico da linguagem, ou subindo por essa escada, conseguiu transpô-la, verá corretamente o mundo e saberá guardar o silêncio em relação àquilo de que não pode falar.

O processo de auto-anulação do discurso filosófico, que nos referimos anteriormente, se articula na distinção “*dizer e mostrar*”, pois tudo aquilo que não pode ser dito, o que não ocorre no mundo, tudo o que não é fato, se revela no místico, só poderá ser mostrado.

O verdadeiro filósofo, ao nosso modo de ver, é segundo Wittgenstein, aquele que se atém aos limites, constituídos pela própria linguagem, que estão na fronteira daquilo que pode ser dito e daquilo que é o inefável, o restante é trabalho do cientista. Tentar ir além dos limites, sobrepor-se aos mesmos, ainda que, em nossa impotência, silenciar-se sobre o que não pode ser dito, é uma atitude ética. E ao mesmo tempo é um trabalho de esclarecimento, tarefa do filósofo.

Aos problemas da vida, aos valores, ao quê e como devo proceder para a busca da “*vida feliz*”, não se pode responder pela filosofia, pois não se deixam exprimir. Por isso é melhor calar-se e deixar que cada indivíduo ou pessoa busque a sua resposta, na situação em que se encontra, pois o mundo é o *meu* mundo, como já temos citado.

Encerramos esta seção com a seguinte citação:

O empreendimento estratégico do Tractatus é, portanto, na esteira da teoria da distinção entre o mostrar e o dizer, levar o discurso a auto - anular-se. Após ter utilizado as proposições como estratégias elucidativas, no convite ao silêncio, elas mesmas devem, como conselho do autor, ser reconhecidas como contra-sensos. O mundo deve aparecer para além delas. A partir de seu final é que deveria começar o autêntico Tractatus, aquele que não está escrito, ou seja, aquele do sentido ético, escondido até então nas estratégias de sua revelação. A finalidade do livro é mostrar sua própria “inutilidade”.⁶⁵

Depois de refletir sobre o projeto ético, principalmente no TLP, de Wittgenstein, passaremos à análise lógica, que é a escada, que nos possibilita, através da linguagem, perceber o limite daquilo que se pode exprimir e do

⁶⁵ VALLE, Bortolo. **Wittgenstein: a forma do silêncio e a forma da palavra**, Curitiba: Champagnat, 2003. p. 68.

inexprimível, para depois assim largá-la, transcendendo-a, transpondo-a, para desde a outra escada, a ética, e ver o mundo corretamente.

2.2 A ANÁLISE LÓGICA EM LUDWIG WITTGENSTEIN

Depois de haver refletido sobre a Ética em Ludwig Wittgenstein, é hora de adentrar-nos na sua análise lógica, para posteriormente tentarmos uma aproximação entre ambas, a partir do estatuto da vontade humana e da noção de inefável, que é o objetivo desse trabalho.

A Lógica é a escada pela qual subimos, mas tão logo tenhamos subido por ela, é necessário jogar a escada fora, para ver o mundo de modo correto, como já afirmamos anteriormente. Apesar de Wittgenstein ambicionar os limites daquilo que é *dizível*, em muitos dos seus dizeres parece ultrapassá-lo.

Parece até estranho apresentar a Lógica, depois da Ética, nesta dissertação, mas é aí que reside algo fascinante em Wittgenstein, o autor usa de uma teoria da lógica para nos dar uma explicação do místico e uma imagem do que realmente é a filosofia, uma atividade e não uma doutrina.

É tão importante a Lógica, para Wittgenstein, que dedica quase todo o conjunto das teses 4; 5 e 6 do TLP à sua teoria da Lógica. Hans –Johann Glock faz uma delimitação bem específica da teoria da Lógica de Wittgenstein, inclusive indicando as teses do TLP 4.21 a 5.641 e de 6.1 a 6.13, onde se encontra dita teoria e acrescenta: “Wittgenstein utiliza no TLP, operações *vero-funcionais* para explicar a construção de proposições moleculares a partir de proposições elementares, proporcionando, com isso, uma explicação para a forma proposicional geral. Utiliza-os, além disso, para determinar que as proposições lógicas são tautológicas.”⁶⁶

Como já indicamos, está delimitado ao pensamento do Primeiro Wittgenstein, principalmente, no que se refere ao *Tractatus Logico-Philosophicus*, por isso a partir dessa obra, elencaremos algumas das idéias fundamentais de Wittgenstein sobre a Lógica, que perpassam as teses quatro, cinco e seis do *Tractatus*:

⁶⁶ GLOCK, Hans–Johann. Op. cit, 1998. p. 357.

- a) "... as proposições e questões dos filósofos fundamentaram-se, na sua maior parte, no fato de nós não compreendermos a lógica da nossa linguagem" (TLP 4.003).
- b) "... o mérito de Russell é ter mostrado, que a forma lógica aparente da proposição não tem que ser a sua forma real" (TLP 4.0031).
- c) "A possibilidade de todos as analogias, de toda a pictorialidade do nosso modo de expressão, fundamenta-se na lógica da representação pictorial" (TLP 4.015).
- d) "... a proposição constrói um mundo com a ajuda de um andaime lógico, e por isso se pode também ver na proposição, como tudo se relaciona logicamente, se ela é verdadeira. É possível tirar inferências de uma proposição falsa" (TLP 4.023).
- e) " A proposição pode representar a realidade inteira, mas não pode representar aquilo que ela tem em comum com a realidade, para a poder representar, - a forma lógica.
- f) Para podermos representar a forma lógica, teríamos que nos situar com a proposição fora da lógica, isto é, fora do mundo" (TLP 4.12).

O que nos leva a ver que Wittgenstein nos apresenta uma Lógica da representação, ao abranger as pré-condições mais gerais para a possibilidade da representação simbólica, principalmente a da representação lingüística, porém a proposição somente aponta para a forma lógica, não pode representá-la, só se espelha nela. "E o que se espelha na linguagem, ela não pode representar" (TLP 4.121). Para alguns seria aqui, no TLP 4.12 e 4.121, a prova de que Wittgenstein está se referindo a uma metalógica.

Entre o sentido e o que é absurdo no mundo não pode haver meio termo, sendo a Lógica uma condição de sentido e também os seus limites coincidem com os do mundo.

Da tese cinco temos:

- a) " Se há sinais primitivos lógicos, então uma lógica correta tem que tornar clara a sua posição em relação uns aos outros e que justificar a sua existência. A construção da lógica a partir dos seus sinais primitivos tem que se tornar clara" (TLP 5.45).
- b) "Em lógica não pode haver o mais geral e o mais específico" (TLP 5.454).

- c) “As soluções dos problemas lógicos tem que ser simples, pois elas estabelecem o Standard da simplicidade” (TLP 5.4541)
- d) “A lógica tem que cuidar de si própria. Um sinal possível tem também que poder designar. Tudo o que é possível em lógica é também permitido” (TLP 5.473).
- e) “A ‘experiência’ de que precisamos para compreender a lógica não é a de que algo se passa desta e daquela maneira, mas a de algo que é: mas isto não é uma experiência .

A lógica está antes de qualquer experiência de que algo é assim.

Está antes do como, não antes do que” (TLP 5.552).

- f) “E se isto não fosse assim, como poderíamos aplicar a lógica? Poder-se-ia dizer: se houvesse uma lógica mesmo que não houvesse mundo, como poderia haver uma lógica dado que há um mundo? (TLP 5.5521).
- g) “A aplicação da lógica decide quais são as proposições elementares que existem .

O que pertence à aplicação, a lógica não pode antecipar.

É claro que a lógica não pode colidir com a sua aplicação.

Assim a lógica e a sua aplicação não devem tentar dominar-se mutuamente” (TLP 5.557).

- h) “A lógica enche o mundo; os limites do mundo são também os seus limites.” (TLP 5.61)

Como está escrito no prólogo do TLP, Wittgenstein não indica fontes, pois para ele é indiferente se outros já pensaram o que ele deseja expor, porém faz questão de mencionar, que em grande parte, os seus pensamentos foram sugeridos pelas grandes obras de *Frege* e *Russell*, principalmente no que se refere à Lógica e Matemática.

Ao mesmo tempo, que menciona *Frege* e *Russell*, está fazendo uma crítica aos mesmos, questionando os pilares principais da Lógica axiomática apresentada pelos mesmos, a saber, os axiomas, os teoremas e a inferência lógica.

Inclusive no TLP 5.473, Wittgenstein corrige a *Frege*: “*Frege* diz: toda a proposição construída regularmente tem que ter um sentido; e eu digo: toda a proposição possível é construída regularmente, e se não tem qualquer sentido,

então isso só pode resultar do fato de não termos dado qualquer denotação a algumas das suas partes constituintes”.

E continua com a sua crítica, agora a *Russell*, dizendo que a Lógica está antes de qualquer experiência de que algo é assim. O erro de Russell é colocar a Lógica antes do *que*, sendo que o correto é antes do *como*.

No TLP 5.553 e 5.554 deixa bem explícita a sua crítica a Russell, expondo que: “Russell diz que existem relações simples entre diferentes números de coisas individuais. Mas entre que números? Como é que isto se pode decidir? Através da experiência? (Não existem números especiais). Toda a atribuição de uma forma específica seria completamente arbitrária”.

Da tese seis temos:

- a) “As proposições da lógica são tautologias” (TLP 6.1).
- b) “Assim as proposições da lógica nada dizem. (São as proposições analíticas) (TLP 6.11).
- c) “Teorias que deixam que uma proposição da lógica pareça ter conteúdo são sempre falsas...” (TLP 6.111).
- d) “À explicação correta das proposições lógicas cabe atribuir-lhes uma posição única entre todas as proposições” (TLP 6.112).
- e) “A característica peculiar das proposições lógicas é que é possível reconhecer que são verdadeiras apenas pelo símbolo, e este fato encerra toda a Filosofia da Lógica. Também é um dos fatos mais importantes que a verdade e a falsidade das proposições não-lógicas não se reconhecem apenas pela proposição” (TLP 6.113).
- f) “O fato de que as propriedades da lógica serem tautologias mostra as propriedades formais – lógicas – da linguagem, do mundo.
- g) O fato de se obter uma tautologia por uma certa conexão das suas partes constituintes caracteriza a lógica das partes constituintes.
- h) A fim de que as proposições, com esta conexão produzam uma tautologia, exige-se que tenham certas propriedades de estrutura...” (TLP 6.12).
- i) “As proposições da lógica demonstram as propriedades lógicas das proposições ligando-as em proposições que nada dizem...” (TLP 6.121).

- j) “Se, por exemplo, duas proposições ‘p’ e ‘q’ na forma ‘ $p \supset q$ ’ produzem uma tautologia, então é claro que ‘q’ se segue de ‘p’.
- k) Que, por exemplo, ‘q’ segue de ‘ $p \supset q$ ’ vê-se das próprias proposições, mas também o podemos mostrar assim: formar a expressão ‘ $p \supset q \cdot p : q$ ’ e mostrar a seguir que se trata de uma tautologia” (TLP 6.1221).
- l) Isto esclarece porque as proposições lógicas não podem ser confirmadas pela experiência. Não só não deve uma proposição da lógica poder ser refutada por qualquer experiência possível, como também não pode ser confirmada por ela” (TLP 6.1222).
- m) O que mostra uma proposição ser lógica não é a sua validade universal” (TLP 6.1231).
- n) “As proposições da lógica descrevem as traves-mestras do mundo, ou melhor ainda, representam-nas. Não ‘tratam’ de nada” (TLP 6.124).
- o) “Pode-se calcular se uma proposição pertence à lógica calculando as propriedades lógicas do símbolo” (TLP 6.126).
- p) “Na lógica o processo e resultado são equivalentes. (Portanto sem surpresa)” (TLP 6.1261).
- q) “A demonstração na lógica é apenas um meio mecânico auxiliar para facilitar o reconhecimento de uma tautologia, em casos complicados” (TLP 6.1262).
- r) “É sempre possível conceber a lógica de modo a que cada proposição seja a sua própria demonstração” (TLP 6.1265).
- s) “A lógica não é uma doutrina, é um espelho cuja imagem é o mundo. A lógica é transcendental” (TLP 6.13).

A tese seis é a mais ampla exposição sobre a análise lógica em Wittgenstein, onde recorda-nos que na lógica não pode haver surpresa, pois a construção de uma proposição lógica é sempre a partir de outras. Se obedecemos à regra de sinais e conhecermos as propriedades lógicas dos símbolos, saberemos então se uma determinada proposição pertence à lógica.

De certa forma, quando diz que a “lógica não é uma doutrina” (TLP 6.13) está criticando a Frege, que por ser matemático, usa o grau de evidência para julgar se uma proposição é lógica ou não, pois segundo Frege, ao derivarmos a

lógica de uma única proposição primitiva, essa “deixaria de ser imediatamente evidente” (TLP 6.1271).

Não se pode sustentar que existam verdades auto-evidentes conhecidas por meio da intuição lógica, como pretendiam Russell e Frege.⁶⁷

Explicam a lógica com base na natureza da representação, sendo que as proposições ordinárias afiguram estados de coisas possíveis, e que as proposições lógicas são tautológicas, mas nada dizem acerca da realidade.

Wittgenstein é um crítico de Frege e de Russell, abandonando elementos dos sistemas lógicos de cada um, e identificando-se com outros e, ainda, transformando alguns dos elementos dos referidos sistemas. Para Wittgenstein, o grande problema de seus predecessores, foi que se esqueceram do essencial, que é o esclarecimento da natureza da lógica. Questionou ainda o modo como expunham a lógica, baseada nos axiomas, teoremas e na inferência: denominou isso de “velha lógica”.⁶⁸

Além de elucidar a natureza da lógica expressada nas teses que mencionamos anteriormente, seu empreendimento é fazer com que a lógica investigue a natureza e os limites do pensamento, pois é nele que representamos a realidade. Unir a lógica à linguagem foi sem dúvida, o seu mérito principal. A sua visão da lógica é a partir da perspectiva lingüística e não axiomática.

A representação lingüística é uma lógica de representação, Wittgenstein esclarece isso no TLP 4.015, quando expõe: “A possibilidade de todas as analogias, de toda a pictorialidade do nosso modo de expressão, fundamenta-se na lógica da representação pictorial.”

No prefácio ao *Tractatus*, Wittgenstein esclarece como a lógica deve traçar os limites à expressão lingüística do pensamento, dizendo que: “a linha da fronteira só poderá ser desenhada na linguagem e o que jaz para lá da fronteira será simplesmente não-sentido”.⁶⁹

Continuando a análise lógica em Wittgenstein, nos dedicaremos às relações entre a lógica e a filosofia da matemática, que consideramos importantes, como um adendo à análise lógica, antes de passarmos à mística.

⁶⁷ Para se entender melhor esse critério da evidência que leva Wittgenstein a criticar seus predecessores, reportamos o leitor a: GLOCK, Hans-Johann. Op. cit., 1998. p. 235.

⁶⁸ Idem. Ibid. p. 236 e 237.

⁶⁹ WITTGENSTEIN, Ludwig. Op. cit., 1961. p. 28 (Prólogo de L. Wittgenstein, Viena, 1918).

2.2.1 A LÓGICA E A MATEMÁTICA

A análise lógica e a filosofia da matemática, estão estreitamente unidas em Wittgenstein. Observemos o que introduz GLOCK, H.J., sobre a matemática para Wittgenstein:

[...] foi o interesse pela matemática que, inicialmente, levou Wittgenstein da engenharia para a filosofia. Quase metade da obra que produziu no período entre 1929 e 1944 versa sobre o assunto; e, logo antes de abandonar o trabalho na área, ele afirmou que sua 'contribuição' principal fora em 'filosofia da matemática'. As idéias de Wittgenstein são amiúdes desconcertantes e foram acusadas de conter claros erros técnicos. Um olhar mais detido revela, entretanto, que os supostos erros acabam por configurar questionamentos filosóficos quanto a celebrados pressupostos acerca da natureza da matemática".⁷⁰

Foram quinze anos de dedicação à matemática, onde conhecendo as grandes obras e idéias sugeridas por seus grandes mestres Frege e Russell, pode analisá-las, transformá-las e, em muitos casos, objetá-las. Os questionamentos levantados na matemática permitiram sua entrada para a filosofia, ocupando-se, principalmente, com a natureza da lógica e da representação.

Na tese 6, está expressado o pensamento de Wittgenstein sobre a Matemática. Vejamos:

- a) "A forma geral de uma função de verdade é: $[\bar{p}, \bar{x}, N \subset (\bar{x})]$."
- b) Esta é a forma geral da proposição" (TLP 6).
- c) "Isto diz apenas que cada proposição é um resultado da aplicação sucessiva da operação $N(\bar{x})$ às proposições elementares" (TLP 6.001).
- d) "Se é dada a forma geral da construção de uma proposição, então também é dada a forma geral de como a partir se pode gerar outra através de uma operação" (TLP 6.002).
- e) "A forma geral da operação $\Omega' (\bar{\eta})$ é então $[\bar{x}, N(\bar{x})] ' (\bar{\eta}) (= [\bar{\eta}, \bar{x}, N(\bar{x})])$."
- f) Esta é a forma geral da transição de uma proposição para outra" (TLP 6.01).
- g) "O número é o expoente de uma operação" (TLP 6.021).

⁷⁰ GLOCK, Hans-Johann. Op. cit., 1998. p. 241.

- h) “O conceito de número não é senão o que é comum a todos os números, a forma geral do número.
- i) O conceito de número é a variável numérica.
- j) E o conceito de igualdade numérica é a forma geral de todos os casos de igualdade numérica” (TLP 6.022).
- k) “A forma geral do número inteiro é $[0, \frac{1}{n}, \frac{1}{n} + 1]$ ” (TLP 6.03).
- l) “Na matemática a teoria das classes é completamente supérflua.
- m) Isto está relacionado com o fato de que a generalidade de que fazemos isso em matemática não é a acidental” (TLP 6.031).

Como já mencionamos, Wittgenstein dedica, praticamente, as teses 4, 5 e 6, à discussão sobre a lógica, que a vê não como uma doutrina, mas um reflexo do mundo.

Nas referências acima, onde coloca a matemática como método lógico, descreve a representação da forma geral de uma função de verdade para os números finitos (TLP 6); onde $\bar{p}$ representa todas as proposições atômicas, $\bar{\varphi}$ representa qualquer conjunto de proposições e $N(\bar{\varphi})$ representa a negação de todas as proposições que constituem $\bar{\varphi}$. Ou seja, a partir das proposições atômicas, todas as outras podem ser originadas. Nada mais é que um método de construir todas as proposições. É interessante recomendar aqui que as proposições atômicas são as consideradas as mais simples, ou elementares, onde a partir destas, pode-se analisar as demais proposições, porém dessas proposições mais simples que não permitam uma análise delas mesmas, ou simplificá-las mais ainda.

Matemática e lógica caminham juntas, pois a “*matemática é um método lógico*” (TLP 6.2). Há outras considerações interessantes a respeito da matemática expostas por Wittgenstein no *Tractatus*:

- a) “As proposições da matemática são igualdades, logo proposições aparentes” (TLP 6.2).
- b) “A proposição da matemática não exprime um pensamento” (TLP 6.21).
- c) “A lógica do mundo, que as proposições da lógica mostram nas tautologias, mostra-se em matemática por meio das igualdades” (TLP 6.22).

- d) “Se duas expressões são ligadas pelo sinal de igual então são substituíveis uma pela outra. Mas se é assim não tem que ser manifesto nas próprias expressões.
- e) Caracteriza a forma lógica de duas expressões o fato de serem intersubstituíveis” (TLP 6.23).
- f) “À questão de saber se para a solução dos problemas da matemática é necessária a intuição tem que se responder que a própria linguagem já fornece a necessária intuição” (TLP 6.233).
- g) “O processo de cálculo medeia já esta intuição. O cálculo não é uma experiência” (TLP 6.2331).
- h) “A matemática é um método da lógica” (TLP 6.234).
- i) “A essência no método matemático é trabalhar-se com igualdades. Devido a este método cada proposição da matemática tem que ser já em si compreensível” (TLP 6.2341).
- j) “O método pelo qual a matemática chega às suas igualdades é o método da substituição” (TLP 6.24).

Wittgenstein, ao afirmar que a matemática é um método da lógica, quer dizer-nos que os conceitos da matemática podem ser definidos em termos de conceitos lógicos e que as proposições matemáticas podem ser derivadas a partir da dedução lógica e dos princípios da mesma. Ao mesmo tempo, opõe-se ao logicismo dos seus mestres Frege e Russell, que tentam reduzir a matemática à lógica.

Além de atacar ao *logicismo*, ataca outras importantes escolas da filosofia da matemática do século XX, o *formalismo* e o *intuicionismo*. As três escolas mencionadas tentam reduzir as proposições matemáticas a algum tipo de realidade, tais como, entidades abstratas, signos físicos ou a processos mentais.

Para Wittgenstein, as proposições matemáticas não dizem respeito a signos, nem ao modo como as pessoas usam os signos que para ele são inscrições ou sons, como queriam os formalistas.

Os intuicionistas afirmam que a matemática é uma atividade humana, porém discorda, quando os mesmos dizem que esta atividade está cimentada somente em uma intuição básica, esquecendo-se que, ao mesmo tempo, tem uma natureza mental e lingüística.

Na tentativa de dar à matemática fundamentos seguros, Wittgenstein opõe-se, complementa, transforma e questiona diversos aspectos apontados pelo logicismo. Vejamos o resumo exposto por Glock:

- a) com sua distinção entre dizer e mostrar, rejeita a tentativa de Russell de evitar os paradoxos da teoria dos conjuntos por meio de uma teoria dos tipos;
- b) questiona a questão axiomática da lógica, segundo a qual há verdades necessárias e menos fundamentais (axiomas e teoremas, respectivamente) e, portanto, a idéia de que a derivação de proposições matemáticas a partir de axiomas lógicos as fundamenta em algo mais certo ou evidente;
- c) critica a definição logicista de número, e propõe uma alternativa construtivista, de acordo com a qual os números naturais representam estágios na execução de uma operação lógica.⁷¹

Nossa dissertação está delimitada aos trabalhos do Primeiro Wittgenstein, sabe-se que a partir de 1929, quando retoma os seus trabalhos na área da filosofia, revê, corrige, aperfeiçoa e muda muito dos seus conceitos. É neste período que abandona a distinção entre *dizer* e *mostrar*, começando a examinar as proposições matemáticas no raciocínio empírico, não as tratando mais como pseudo-proposições. Também neste estágio posterior de seu pensamento, classificará as proposições matemáticas como paradigmas ou regras para a transformação de proposições empíricas. A função das proposições matemáticas é normativa, pois aquilo que as contraria não poderá nunca ser uma descrição inteligível da nossa realidade.

A lógica é vista como a essência do mundo, que é constituído de fatos atômicos, descrito por proposições atômicas.

Em 25.4.15, Wittgenstein afirma que

[...] a linguagem em relações internas com o mundo; é por isso que ela e estas relações determinam a possibilidade da lógica dos fatos.
Se tivermos um sinal inteiramente significativo, ele tem então de estar numa determinada relação interna com uma estrutura. Sinal e relação determinam claramente a forma lógica do designado.”⁷²

Entendemos que explicita, aqui, que o alicerce comum ao mundo e à linguagem é lógica, ou seja, ao analisar paralelamente a linguagem e o mundo, dá-se conta que o fundamento de ambos é a forma lógica. A lógica seria vista por ele como estruturante do mundo e da linguagem, entendendo o mundo a partir dos fatos atômicos, que são descritos pelas proposições atômicas.

⁷¹ Idem. Ibid., p. 241 e 242.

⁷² WITTGENSTEIN, Ludwig. **Cadernos**, 1914 – 1916. p. 65.

É claro que os fatos do mundo são as articulações dos estados de coisas, que são as combinações de um conjunto de objetos e nomes, resultando na proposição atômica.

Continuando a sua obra de erradicação de todo enfeitiçamento do nosso entendimento, de libertar-nos de tal vício, no prefácio das *Investigações Filosóficas*, Wittgenstein afirma⁷³: “Há quatro anos tive ocasião de voltar a ler o meu primeiro livro (*O Tractatus Logico-Philosophicus*) e de explicar as suas teses. De súbito, pareceu-me então que devia publicar conjuntamente a minha velha com a minha nova maneira de pensar: que esta só podia ser verdadeiramente iluminada pelo contraste e contra o campo de fundo daquela.”

Ao nosso modo de ver, esses pensamentos só se compreenderão à luz do *Tractatus*, onde os expõe ao elaborar as “*Investigações Filosóficas*”. Esse período é conhecido como a retomada da sua atividade filosófica que irá de 1929 até a sua morte, em 1951, muito difundido como a fase do Segundo Wittgenstein, da qual nossa dissertação não se ocupará.

Especialmente entre os anos 1931 e 1934, produzirá a *Gramática Filosófica*, que dedicará grande parte aos estudos dos fundamentos da matemática, especificando as relações e comparações entre a lógica e a matemática, sobre os diversos tipos de provas matemáticas, sobre os números infinitos e um capítulo especial sobre a inferência lógica. Como já dissemos, não nos deteremos nesses detalhes, pois a nossa ocupação principal neste trabalho é com os aspectos levantados no Primeiro Wittgenstein.

Finalizando essa seção, tentaremos ilustrar, inspirados por VALLE, a passagem da lógica à mística:

Sabemos que o mais importante no *Tractatus* é aquilo que nele não está dito. Num crescendo, adentra seu autor na busca de uma linguagem simbólica ideal e no percurso, desenvolve uma análise lógica da linguagem determinando três de seus mais fundamentais constituintes: uma teoria da proposição, uma teoria das variáveis e uma teoria da verdade. Apresentados os seus significados, aparece como consequência, ao final, a forma geral da proposição, essência única da linguagem e do mundo. O desenvolvimento do exercício analítico, única tarefa reconhecida para a filosofia, levada a termo na elucidação das proposições que se seguem à de número seis, deverá fazer surgir o místico.⁷⁴

⁷³ Idem. *Investigações Filosóficas*, 1985. p. 166 (Prólogo de L. Wittgenstein, Cambridge, Janeiro de 1945). Obra publicada em conjunto com o TLP pela Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa-Portugal.

⁷⁴ VALLE, Bortolo. Op. cit., 2003. p. 68-69.

2.3 DA LÓGICA À MÍSTICA

No primeiro capítulo desta dissertação, já nos detivemos sobre o místico em Wittgenstein (1.4), que em última análise é o que se mostra na ação.

O místico tem um *mostrar-se* transcendental, concluímos isso das afirmações de Wittgenstein sobre a Ética, estética e sobre a própria Lógica:

É obvio que a ética não se pode pôr em palavras...
A ética é transcendental.
(A ética e a estética são um).
A lógica é transcendental”.⁷⁵

“É da experiência mística da qual não podemos exprimi-la, pô-la em palavras, é que se traça uma nova relação do “sujeito da linguagem com o mundo da linguagem”.⁷⁶

À medida em que a lógica, representada pela crítica da linguagem, lhe ajudou a descobrir o sentido da vida, através do esclarecimento dos conceitos e o levou à libertação das armadilhas do enfeitiçamento do entendimento, a Ética aponta que aquilo que a Lógica mostrou, não podemos falar, temos que calar. Essas são as condições para passar a uma experiência mística, onde nos damos conta dos próprios limites da linguagem.

A experiência mística, nascida do confronto com a busca do sentido da vida, em meio à guerra, é fruto da fase final da elaboração do *Tractatus*, fase de amadurecimento do jovem Wittgenstein, onde traça a seguinte estrutura para o seu referido trabalho: inicia com uma espécie de Ontologia, a Teoria da Figuração, a Filosofia, uma vasta Teoria da Lógica, que abarca as teses quatro, cinco e seis; apresenta algumas discussões sobre a Matemática e a Ciência, também na tese seis. Fechando com chave de ouro o TLP, abre-se para o místico, para o inefável. Depois de mostrar os limites do *dizível*, ajudando a subir a outra esfera, pode-se jogar a escada fora e ver o mundo corretamente.

Ao observarmos as proposições do TLP 6.1 onde aparece o sentido da lógica, na 6.2 o sentido da matemática, na 6.3 o sentido da ciência natural e, conforme TLP 6.4, por fim dirigi-se às linguagens metafísicas, esse é o seu método de trabalho, onde a atividade filosófica deverá agir, primeiro, aplicada às

⁷⁵ WITTGENSTEIN, Ludwig. Op. cit., 1961. p. 128, 138 (TLP 6.421 e 6.13)

⁷⁶ THEMUDO, Marina Ramos. **Ética e sentido**. 1989. p. 362.

linguagens científicas para que expressem o seu sentido, para depois mostrar a falta de sentido das linguagens metafísicas, que culminarão no silêncio místico.

Verifica-se assim uma proximidade lógico-mística no *Tractatus*, nas proposições que descrevem o sentido do mundo e aquelas marcadas por um contra-senso que nos levam ao silêncio. Não a um ingênuo silêncio, mas a um silêncio crítico.

Temos, de uma parte, a realidade que pode ser referida pela linguagem, a lógica e, por outra, uma realidade situada além dessa possibilidade, a mística. A lógica, então, delimita por dentro o que o mundo é por fora, somente considerando-se essas duas realidades, a que é possível referir-se pela linguagem e a que não podemos, que o *Tractatus* será completo.

No TLP 5.552 e 5.5221, percebemos que a lógica está antes do *como* e não antes do *que*, questionando-se também sobre a aplicação da lógica, “se houvesse uma lógica ainda que não houvesse um mundo, como poderia então haver uma lógica, já que há um mundo?”.

O místico mostra, então, que deve haver um mundo superior ao *como*. A percepção do mundo como totalidade limitada, nada mais é que o sentimento místico.

Trilhar o caminho da lógica à mística é ir do mundo à vida, pois a lógica nos fornece as ferramentas necessárias para a sua análise, mas é no silêncio místico que o problema da vida encontrará solução.

As questões que acabamos de desenvolver nos capítulos primeiro e segundo servirão de base para o núcleo central dessa dissertação em curso, que será a confluência entre a Ética e a Lógica em Ludwig Wittgenstein, a partir do estatuto do inefável, que está ligado à compreensão da vontade humana. Através dela, traçamos o nosso ideal de vida, buscando a vida feliz, a vida no espírito. É o que tentaremos demonstrar no próximo capítulo.

CAPÍTULO III – O PROBLEMA DA “VONTADE” NA CONFLUÊNCIA ENTRE A ÉTICA E A LÓGICA

Iniciamos esse trabalho apresentando o ambiente em que se gesta a noção do inefável em Ludwig Wittgenstein, especialmente nas seções onde refletimos sobre a diferença *dizer/mostrar* e quando tratamos do tema do místico.

O inefável, que emerge como expressão dos limites humanos e dos significados do mundo, está ligado à compreensão da vontade humana, que em última análise busca a “vida feliz”, “eudemônica”⁷⁷. O inefável se expressa na ética e na lógica, pois, segundo Wittgenstein, ambas são transcendentais.

Como aprofundaremos na seção 3.2, sobre a vontade ética, a ética nada mais é que a relação da vontade com o mundo, pois há uma “conexão da ética com o mundo”.

A vontade é entendida como o “detentor do bem e do mal”, aquele que busca a “vida feliz”, é quem está além do bem e do mal, quem conhece as suas limitações e impotências diante dos acontecimentos, é capaz de harmonizar o confronto entre o “nosso eu” e o “mundo”.

Estando no mundo, mas transpondo a fronteira do mundo e dos fatos é que se encontra a felicidade e o sentido da vida, a felicidade não consiste no prazer, mas é um acontecimento ético.

“A lógica é um espelho cuja imagem é o mundo. A lógica é transcendental” (TLP 6.13). É no pensamento que representamos a realidade, logo a lógica para Wittgenstein está intrinsecamente unida à linguagem, ajudando-nos, assim, a descobrir a natureza e as limitações do próprio pensamento.

É na “vontade” que o sujeito elabora a confluência ético-lógica, realizando a aproximação entre ambas, por isso necessitamos conhecer o estatuto da vontade humana em Wittgenstein, suas, influências, diferentes concepções e até onde a vontade é potente ou impotente.

⁷⁷ EUDEMONISMO: Doutrina que considera a busca de uma vida feliz, seja no âmbito individual seja no âmbito coletivo, o princípio e fundamento dos valores morais, julgando eticamente as ações que conduzem o homem à felicidade. Eudêmone: Relativo ao indivíduo dos *eudêmones*, habitantes da Arábia Feliz.

Desejar não é agir, porém o querer é um fenômeno e, não somente uma ponte para o fenômeno, ou seja, querer e agir são sinônimos. O desejo vai além do fato e a vontade, algumas vezes, se confunde com a própria ação.

Previamente ao estatuto da vontade humana, faz-se necessário uma discussão sobre a noção do sujeito em Wittgenstein, que pode ser empírico, quando está dentro do mundo, e metafísico, transcendental, quando está no limite do mundo.

3.1 NOÇÃO DE SUJEITO EM WITTGENSTEIN⁷⁸

Margutti Pinto afirma que a transição do conhecimento das coisas particulares ao das idéias só é possível mediante uma modificação excepcional do sujeito, citando Shopenhauer⁷⁹:

“produz-se bruscamente: é o conhecimento que se liberta do serviço à vontade. O sujeito deixa, por este fato, de ser simplesmente individual; torna-se então puramente um sujeito que conhece e é isento de vontade; já não está obrigado a procurar as relações de conformidade com o princípio de razão; absorvido daqui em diante na contemplação profunda do objeto que se lhe oferece, livre de qualquer outra dependência, é aí que daqui em diante ele repousa e se desenvolve”.

Quando se produz tal modificação, o sujeito deixa de considerar o lugar, o tempo, preocupando-se principalmente com a natureza das coisas, pondo toda a sua força na intuição e abandonando o conhecimento discursivo. A vontade e a individualidade do sujeito são esquecidas, no fundo é o perder-se do sujeito no objeto até que ambos se confundam num único ser, plenos de uma consciência e visão única e intuitiva. Caracterizaremos, primeiramente o sujeito empírico e depois o metafísico.

⁷⁸ A noção do sujeito em Wittgenstein, parece-nos, está basicamente herdada da filosofia de Shopenhauer (1788-1860), que Wittgenstein conheceu ainda na juventude, através da leitura de **“mundo como vontade e representação”** escrita em 1817, que é a base da filosofia Shopenhaueriana, onde resume que o universo inteiro é objeto para um sujeito. Sujeito e objeto são as duas partes necessárias e inseparáveis em que compreende o mundo. Cada indivíduo é um microcosmo perfeitamente equivalente ao macrocosmo. Associa realismo empírico com idealismo transcendental, e se “o mundo é **minha** representação”, seu idealismo é de tipo solipsista; o único sujeito mais o objeto seriam suficientes para constituir o mundo como representação. Como o nosso objetivo aqui não é o estudo da filosofia de Shopenhauer, recomendamos ao leitor a sua obra: “mundo como vontade e representação. Editora Porto, Rés-Editora, [s.d.]

⁷⁹ MARGUTTI PINTO, Paulo Roberto. Op. cit., 1998. p. 58.

3.1.1 O SUJEITO EMPÍRICO

O sujeito empírico é o que pode ser descrito pela linguagem, pois é um fato no mundo. É o sujeito que pode ser descrito através das proposições psicológicas e das Ciências Naturais, por estar dentro do mundo dos fatos e da linguagem que exprime esses fatos. É bastante limitado, pois, como já afirmamos, a linguagem e a nossa forma de figurar são limitadas.

O engano da Psicologia e das Ciências Naturais é tentar explicar o mundo, dotando-o de uma realidade puramente objetiva, deixando de lado as formas de representação deste.

O sujeito empírico não pode ter nenhuma influência sobre os fatos do mundo, pois está dentro do mundo.

A linguagem é um espelho lógico, há um isomorfismo entre o objeto e a linguagem, por isso podemos entender o sujeito empírico como uma espécie de sujeito de enunciação, que por meio de sua linguagem, aquela que entende, reflete os fatos no mundo, mas sem influir nos mesmos.

O sujeito empírico, na sua limitação, pode dizer o “como” é o mundo, como acontece, mas nunca o “que” é o mundo, pois deverá aceitar a lei da causalidade, e esta é o limite da razão.

Wittgenstein esclarece, na seguinte nota, a sua crítica à visão cientificista de mundo, que acredita que o mundo acontece apenas nas relações de causa e efeito: “De uma proposição elementar não podemos deduzir nenhuma outra. De maneira nenhuma se pode inferir da existência de uma situação qualquer a existência de uma outra situação, totalmente diferente da primeira. Não existe um nexos causal que justifique tal inferência. Não podemos inferir acontecimentos futuros dos acontecimentos presentes. A crença no nexos causal é a superstição” (TLP 5.134; 5.135; 5.136 e 5.1361).

E continua: “não existe uma compulsão que faça uma coisa ter que acontecer pelo fato da outra ter acontecido. Só existe a necessidade lógica. A concepção moderna do mundo fundamenta-se na ilusão de que as leis da natureza são a explicação dos fenômenos da natureza. Hoje fica-se pelas leis da natureza como algo intocável [...] se tem que dar a aparência de estar esclarecido”. (TLP 6.37 e 6.372).

O que afirma Wittgenstein é que as Ciências da Natureza são incapazes de explicar o mundo somente a partir das relações de causa e efeito. Crer nisto seria uma superstição, pois “*o mundo é independente da minha vontade*” (TLP 6.373).

O que podemos concluir é que o sujeito empírico caracteriza-se, principalmente, por sua impotência e contingência no mundo, logo temos que reconhecer os limites da razão, do pensável, do dizível, deixando essa tarefa de explicar o “que” é do mundo ao sujeito metafísico.

3.1.2 O SUJEITO METAFÍSICO

Previamente a esta questão do sujeito metafísico em Wittgenstein, faz-se necessário um esclarecimento sobre o tema do “Solipsismo” no mesmo autor, que GLOCK⁸⁰ define da seguinte forma: “trata-se da concepção de que nada existe a não ser a própria pessoa e os conteúdos de sua mente. Embora essa idéia raramente tenha sido defendida de forma explícita, seduziu idealistas e fenomenalistas, que se comprometeram com ela de forma implícita. A discussão sobre o solipsismo assinala o ponto de intersecção entre a parte lógica e a parte mística do *Tractatus*. A ‘chave para se decidir a questão de saber em que medida o solipsismo é uma verdade’ é que ‘os limites de minha linguagem significam os limites de meu mundo’.”

O solipsista entende o “mundo” como “meu mundo”, este mundo representado pela linguagem é limitado, pois os “limites da linguagem significam os limites do meu mundo”.

Nas entrelinhas do solipsismo wittgensteiniano está a temática do sujeito metafísico, objeto de nosso estudo. Observaremos as seguintes afirmações de Wittgenstein⁸¹:

“Os limites da minha linguagem significam os limites do meu mundo. Há realmente apenas uma alma do mundo, a que chamo sobretudo a minha alma; e só enquanto ela aprendo aquilo que chamo as almas dos outros. A observação anterior fornece a chave para decidir em que medida o solipsismo é uma verdade”.

⁸⁰ GLOCK, Hans-Johann. Op. cit., 1998. p. 338.

⁸¹ WITTGENSTEIN, Ludwig. Op. cit., 23.05.15. p. 74-75.

Quando se refere à linguagem, refere-se àquela que entendemos que representa o que queremos dizer, mas não pode pensar o inexprimível, que está fora do “meu mundo”.

No *Tractatus* temos afirmações semelhantes a esta e outras que confirmam o solipsismo wittgensteiniano observemos quando interrelaciona linguagem, mundo e sujeito:

- a) “Os limites da minha linguagem significam os limites do meu mundo”. (TLP 5.6)
- b) “A lógica enche o mundo; os limites do mundo são também os seus limites. Assim não se pode dizer em lógica: ‘no mundo há isto e isto, mas não aquilo’. Aquilo que não podemos pensar, não podemos pensar; também não podemos dizer aquilo que não podemos pensar”. (TLP 5.61)
- c) “Esta observação é a chave para a decisão do problema de saber até que ponto é que o Solipsismo é verdadeiro. O que o Solipsismo quer dizer é correto, mas não, se pode dizer: revela-se a si próprio”. (TLP 5.62)
- d) “O mundo e a vida são um”. (TLP 5.621)
- e) “Eu sou o meu mundo”. (o microcosmos TLP 5.63)
- f) “O sujeito pensante, não existe. Se eu escrevesse um livro ‘o mundo como eu o encontrei’, então teria que relatar também o meu corpo e dizer quais dos membros se submetem à minha vontade e quais não se submetem, etc.; isto é um método de isolar o sujeito ou antes de mostrar que num sentido importante o sujeito não existe: só dele é que não se podia falar neste livro”. (TLP 5.631)
- g) “O sujeito não pertence ao mundo mas é um limite do mundo”. (TLP 5.632)

Nos deteremos agora na analogia entre o campo visual e o olho proposta por Wittgenstein e referida em diversas passagens⁸² do TLP e, também, nos “Cadernos”, que ao nosso modo de ver, é onde expõe sobre a necessidade de encontrar no mundo um sujeito metafísico.

⁸² WITTGENSTEIN, Ludwig. Op. cit., 11.06; 04.08 e 12.08.16, p. 108, 118-119.

“Que sei eu acerca de Deus e da finalidade da vida? Sei que este mundo existe. Que estou nele como o meu olho no seu campo visual. Como perceber no mundo um sujeito metafísico? Dizer que ele se comporta aqui tal e qual como no caso do olho e do campo visual. Mas, na realidade, não vê o olho. Eu creio que nada, no campo visual, permite concluir que ele seja visto por um olho. Tudo o que vemos poderia também ser diferente.”

Temos que entender o olho aqui não como o órgão sensorial, mas como “olho geométrico”; como no campo visual não vemos o olho que vê, assim o “eu” não é um objeto possível da nossa experiência, logo não podemos explicá-lo a partir da nossa experiência. Apesar do sujeito metafísico constituir-se como o centro do mundo, não é uma parte do mundo, está fora, no seu limite.

Este sujeito metafísico, também utilizado como o “eu filosófico”, é definido pelo próprio Wittgenstein, assim⁸³: “o Eu filosófico não é o homem, não é o corpo humano ou a alma humana com as propriedades psicológicas, mas o sujeito metafísico, o limite (não uma parte) do mundo. O corpo humano, porém, é o meu corpo em particular, é uma parte do mundo entre outras partes do mundo, entre animais, plantas, pedras, etc., etc.”

O anterior é reforçado e repetido nas afirmações do *Tractatus*:

“Onde encontrar o sujeito metafísico? Passa aqui o mesmo do que passa com o olho e o campo visual. Mas o olho não o vê de fato. E nada no campo visual permite inferir que é visto por um olho. Isto está relacionado com o fato de que nenhuma parte da nossa experiência é também *a priori*. Não existe uma ordem *a priori* das coisas. O eu surge em filosofia através do fato de que ‘o mundo é o meu mundo’. O eu filosófico não é o ser humano [...], mas o sujeito metafísico, o limite do mundo”. (TLP 5.633; 5.634 e 5.641)

As afirmações anteriores mostram o caminho que Wittgenstein percorre, o mesmo registra em seus “Cadernos”, no dia 15 de outubro de 1916 e confirma também no TLP 6.54: “o idealismo separa os homens do mundo como único, o solipsismo separa-me só a mim; e, finalmente, vejo que também pertenço ao resto do mundo; logo por um lado, nada resta, por outro, como único, o mundo. Assim o idealismo rigorosamente pensando a fundo conduz ao realismo”.

⁸³ WITTGENSTEIN, Ludwig. Op. cit., 02.09.1916. p. 121-122.

Essa trajetória do idealismo, passando pelo solipsismo, deve-se ao fato de que também eu pertença ao resto do mundo, não sendo correto isolar-me em mim mesmo, ou isolar-nos do resto do mundo como seres únicos.

O Solipsismo desta fase do *Tractatus* também é peculiar para Wittgenstein, onde a analogia do campo visual toma o lugar da unidade transcendental da percepção, na qual o sujeito está de tal forma envolvido na experiência que não pode ser descrito. O solipsismo é só uma figura para indicar que não podem dizer e nem pensar o impensável.

Segundo Pilar López⁸⁴ é “um solipsismo sem sujeito. A inefabilidade do solipsismo consiste precisamente em que o sujeito que delimita e constitui o mundo não existe, em virtude do seu próprio caráter de limite.”

A tendência natural do ser humano é transpor as barreiras da linguagem, por isso o sujeito metafísico que torna o mundo o seu mundo, é seu centro e limite, tende a falar como sujeito empírico, daquilo que está além do limite.

Após introduzirmos o tema da vontade, que ao nosso modo de entender é a que fará a confluência entre a Lógica e a Ética, sentimos a necessidade de esclarecer a noção de sujeito em Wittgenstein, caracterizando-o em empírico e metafísico, que faz parte da nossa tese, que é a aproximação entre a Lógica e a Ética no *Tractatus* de Ludwig Wittgenstein. Para explorar o tema do sujeito metafísico tivemos que recorrer ao solipsismo wittgensteiniano, para adentrar no estatuto da vontade humana.

Depois de apresentar a noção de sujeito em Wittgenstein, antes do tema do Estatuto da Vontade Humana, que é onde o sujeito experimenta a potência e a impotência da vontade, exporemos a vontade ética em Wittgenstein.

3.2 A VONTADE ÉTICA

Wittgenstein refere-se à ética, pela primeira vez, nos *Cadernos*, em 21 de julho de 1916, ao expor o estatuto da vontade humana no texto que segue:

O que há com a vontade humana? Quero, antes de mais, chamar ‘vontade’ ao detentor do bem e do mal.
Imaginemos um homem que não pudesse utilizar nenhum dos seus membros e, por isso, não pudesse, no sentido habitual, exercer a sua vontade. Poderia, porém, pensar e

⁸⁴ LÓPEZ DE SANTA MARÍA DELGADO, Pilar. Op. cit., p. 65.

desejar e comunicar a outrem os seus pensamentos. Poderia, portanto, fazer bem ou mal por meio de outro. É então claro que também para a **ética** teria validade, e ele é no sentido ético detentor de uma vontade.

Há, pois, uma distinção de princípio entre esta vontade e aquela que põe em movimento o corpo humano?

Ou consistirá aqui o erro em o desejar (respectivamente o pensar) ser já um ato da vontade? (e, neste sentido, o homem sem vontade não viveria).

Mas será possível conceber um ser que só pudesse querer representar (porventura ver), mas não querer? Tal, seja em que sentido for, parece impossível. Mas se fosse possível, poderia então existir também um mundo sem ética.⁸⁵

O que Wittgenstein propõe no texto acima é a “*conexão da ética com o mundo*”⁸⁶, ou seja a ética é a relação da vontade com o mundo. Neste último parágrafo, segundo o nosso modo de ver, há uma incompatibilidade na aproximação das realidades “exterior” e “interior”, que respectivamente são o mundo e o desejo. Isso nada mais é que o confronto do nosso eu com o mundo, duas forças antagônicas, que se auto-excluem, apesar de almejarem a proximidade. Aquele que é feliz, está além do bem e do mal, reconhece sua impotência diante dos acontecimentos, está em paz e em harmonia entre o Eu e o Mundo.

A felicidade não é outra coisa que descobrir a “finalidade da existência”⁸⁷ e aceitar a limitação de que “não posso dirigir os acontecimentos do mundo segundo a minha vontade, sou totalmente impotente.”⁸⁸

Em nosso entender, essa referência à impotência trata-se da vontade empírica, para Wittgenstein, pois somente o sujeito da vontade, que seria o sujeito metafísico, dotado de uma vontade ética é capaz de provocar alguma mudança, inclusive na tentativa de auto-superação, tentando falar o inefável.

Ao chamar a vontade de detentor do bem e do mal, e de afirmar “que a minha vontade é boa ou má e que a minha vontade penetra no mundo”,⁸⁹ e também nas referências anteriores, coloca o mundo e a vontade em uma contínua interdependência. E, ao mesmo tempo, numa relação dialética, que é onde se produz o “acontecimento ético”,⁹⁰ que é capaz de, mesmo penetrando no mundo, tendo origem nele, transpor o mundo e os fatos, superando o movimento entre o bem e o mal. Só assim encontra-se o sentido da vida e se caminha para a vida

⁸⁵ WITTGENSTEIN, Ludwig. **Cadernos 1914-1916**. 21.07.16. p. 114.

⁸⁶ Idem. Ibid. 09.10.16. p. 124.

⁸⁷ Idem. Ibid. 06.07.16. p. 109.

⁸⁸ Idem. Ibid. 11.06.16. p. 108.

⁸⁹ Idem. Ibid. 11.06.16. p. 108.

⁹⁰ THEMUDO RAMOS, Marina. **Ética e Sentido**. 1989. p. 182.

feliz. A felicidade não consiste no prazeroso, mas reside naquilo que leva a solucionar o problema da vida, e nisto está o centro da ética.

É a necessidade da vida feliz o que proporciona ao sujeito intentos de alterar os acontecimentos, quando estes lhe são obstáculos para a desejada felicidade, mesmo que essa seja inerente à nossa visão do mundo, “mas é claro que o nexa causal não é nexa nenhum.”⁹¹ Daqui se conclui que a casualidade da vontade é pura ilusão, levando assim a reconhecer os limites do mundo, como um todo, na impotência do sujeito em relação ao mundo. E, nesta visão do mundo como um todo limitado, o poder de transformação deste é dado pela vontade, como fundamento dos valores éticos.

Teremos sempre o nosso mundo, pois é o “sujeito metafísico” que torna o mundo em Meu Mundo. Tal postura diante do mundo, além de mostrar os seus limites, leva-nos a uma atitude de renúncia da própria vontade, diante dos acontecimentos do mundo. Isso, muitas vezes, é uma forma de libertação que ampliará a experiência dos nossos limites.

Essas limitações, misérias, sofrimentos e outras adversidades podem ser superado, por uma vida de conhecimento e pela renúncia das comodidades do mundo, como vemos:

Suponhamos que o homem não pudesse exercer a sua vontade, mas tivesse de sofrer toda a miséria do mundo, o que é que o poderia tornar feliz?
Como pode o homem ser feliz, se não consegue impedir a miséria desse mundo?
Mesmo através da vida do conhecimento.
A boa consciência é a felicidade que a vida do conhecimento consente.
A vida do conhecimento é a vida que é feliz, apesar da miséria do mundo.
Só é feliz a vida que pode renunciar à comodidade do mundo.
Para ela, as comodidades do mundo são apenas graças do destino.⁹²

No fundo, ser feliz é estar livre das contingências do mundo, desatado de qualquer amarra, medos, misérias e ver as coisas além da temporalidade. Somente uma atitude de despojamento de tudo, em outras palavras, na renúncia total é que se produzirá a felicidade, pois mesmo tendo todo tipo de comodidades, podemos renunciá-las e nos colocar em atitude de independência das mesmas.

Tratando da ética no TLP⁹³, Wittgenstein, proporciona-nos a distinção entre a vontade ética e a vontade psicológica: a primeira, é tida como suporte do juízo

⁹¹ WITTGENSTEIN, Ludwig. Op. cit. 15.10.16. p. 125.

⁹² WITTGENSTEIN, Ludwig. Op. cit. 13.08.16. p. 120.

ético, que opera com os assuntos éticos, não nos cabe falar. Enquanto a segunda, a psicológica, lida com a vontade como fenômeno e é assunto da psicologia. Da vontade como suporte do ético não podemos falar, pois em relação a esta não somos diretamente conscientes.

Para entendermos tal distinção, é necessário compreender a seguinte afirmação de Wittgenstein, a respeito do *eu* e do *mundo*:

Existe de fato um sentido no qual se pode falar em filosofia do eu sem ser em termos psicológicos.

O eu surge em filosofia através do fato de que 'o mundo é o **meu** mundo'.

O eu filosófico não é o ser humano, não é o corpo humano ou a alma humana de que trata a psicologia, mas o sujeito metafísico, o limite – não uma parte – do mundo.⁹⁴

Quando se fala do corpo humano e a alma, está referindo-se à vontade psicológica, ao “eu psicológico”, que, de certa maneira, pode ou não influenciar nos acontecimentos do mundo. Tal mundo é o *meu mundo*, o mundo do qual tenho consciência, que me leva a decidir e discernir. Mas, quando o eu refere-se ao sujeito metafísico, filosófico e ético, já não é uma parte do mundo, está fora dele; então não podemos decidir sobre qualquer coisa, e nem tentar influenciar nos rumos dos acontecimentos, pois não somos diretamente conscientes. Desse tipo de vontade, não se pode falar.

Quando reflete sobre a vontade como detentor do bem e do mal, é da vontade do sujeito ético que se fala como a única fonte do bem e do mal.

O *eu* a que mencionamos anteriormente é tão profundo e misterioso a ponto de ser colocado por Wittgenstein como *centro do mundo*:

Se não existisse a vontade, também não existiria aquele centro do mundo que chamamos Eu, e que é portador da ética.

Bom e mau é essencialmente o EU, não o mundo.

O Eu, o Eu é profundamente misterioso!

O Eu não é um objeto.

Estou objetivamente em face de cada objeto. Não em face do Eu.

Há, pois, na filosofia um modo em que se pode, e deve, falar do Eu, num sentido não psicológico.

O Eu aparece na filosofia porque o mundo é o **meu** mundo.⁹⁵

⁹³ Op. cit., 1961. p. 139.

No TLP 6.423, ao tratar da ética, faz a seguinte distinção: “não se pode falar da vontade como suporte do juízo, a vontade como fenômeno só interessa à Psicologia”.

⁹⁴ Trata no TLP 5.641, numa parte onde se refere à linguagem, ao mundo e ao sujeito.

⁹⁵ WITTGENSTEIN, Ludwig. Op. cit. 05.07.11 e 12.08.16. p. 119.

Este “*Eu* profundo”, misterioso, centro do mundo, que é o portador da ética é o “eu” que está muito além do “eu empírico”, da vontade psicológica; é o “*Eu* ético”, o “eu metafísico”.

Depois de refletir sobre o tema da vontade ética, explicitaremos o estatuto da vontade humana.

3.3 O ESTATUTO DA VONTADE HUMANA

Começamos com o “problema da vontade”, pois é difícil estabelecer o estatuto da vontade em Wittgenstein, “não se pode falar da vontade como suporte do juízo ético. A vontade como fenômeno só interessa à Psicologia” (TLP 6.423). Outras vezes, a vontade é o detentor do bem e do mal, “se o bem e o mal alteram o mundo, então só alteram os limites do mundo, não os fatos, não o que pode ser expresso na linguagem. O mundo tem que tornar-se de todo num outro, por meio do bem e do mal.” (TLP 6.43). E acrescenta, “o mundo é independente da minha vontade” (TLP 6.373).

As afirmações acima revelam a dificuldade de tratar o estatuto da vontade humana, em Wittgenstein, por isso a vemos como “problema”.

É um problema porque o seu domínio, já que é portadora do ético, se estende para além dos fatos, se assim o for, temos que calar pois é inexprimível. Ao mesmo, a experiência mostra que não se pode negar a existência do fenômeno da vontade no mundo, neste caso interessa à psicologia, pois está reduzida a fatos, trata dos valores, somente em sentido relativo.

A vontade como portadora da ética é transcendental, lida com valores em sentido absoluto. Não lida com os fatos, pois transcende aos mesmos, o sujeito transcendental, não modifica os fatos, mas pode modificar a nossa atitude diante dos fatos, mudando a nossa atitude, muda a nossa maneira de ver o mundo como um todo.

Assim, “o mundo tem que tornar-se de todo num outro, por meio do bem e do mal. Enquanto todo tem que ter, por assim dizer, um crescente e um minguante”. (TLP 6.43)

Dessa modificação ética, provocada pelo sujeito transcendental, que em última análise dependerá a nossa felicidade ou infelicidade, pois “o mundo dum homem feliz é diferente do dum homem infeliz”. (TLP 6.43).

É a partir dessa capacidade de alterar a nossa atitude em relação aos fatos, mesmo sem modificá-los, que o TLP é um verdadeiro exercício ético.

Ao questionar-se sobre o sentido da vida, sobre a finalidade da vida, que nada mais é que uma experiência pessoal de Wittgenstein, afirma⁹⁶: “que sei eu acerca de Deus e da finalidade da vida? Não posso dirigir os acontecimentos do mundo segundo a minha vontade, sou totalmente impotente. (Ainda não o que é minha vontade). É feliz quem cumpre a finalidade da existência. A solução do problema da vida percebe-se no desaparecimento desse problema. Crer num Deus significa compreender a questão do sentido da vida. Para viver feliz devo estar em consonância com o mundo. Só é feliz quem vive no tempo, mas no presente.”

Todas essas perguntas e questionamentos de Wittgenstein são frutos da sua experiência pessoal pelo sentido da sua existência e também da sua “experiência religiosa”, por isso interroga: “Poder-se-á viver de tal modo que a vida deixe de ser problemática? Que se viva na eternidade, e não no tempo?”

Através dessas experiências é que Wittgenstein formula outros dois questionamentos: “que espécie de estatuto tem propriamente a vontade humana?” E o outro, “mas será possível conceber um ser que só pudesse querer representar (por ventura ver) mas não querer? Tal, seja em que sentido for, parece impossível. Mas se fosse possível, poderia então existir também um mundo sem ética?”.

O que mostra que a Ética, a vontade e o mundo estão inter-relacionados. No mesmo dia, 21 julho 1916 (Cadernos), inicia o seu escrito com o primeiro questionamento e termina com o segundo. Também é a primeira vez que nesses escritos aparece a palavra Ética, o que é muito significativo. Isso revela que, para Wittgenstein,⁹⁷ a Ética encontra a sua razão de ser na relação da vontade com o mundo”.

Seguindo a indicação dessa autora, no seu livro “Ética e Sentido”, trataremos da impotência e da potência da vontade.

⁹⁶ WITTGENSTEIN, Ludwig. Op. cit., 11.06; 06.07; 08.07; 21.07.1916.

⁹⁷ THEMUDO, Marina Ramos. Op. cit, 1989. p. 181.

3.3.1 DA IMPOTÊNCIA E DA POTÊNCIA DA VONTADE

Depois de interrogar-se pelo estatuto da vontade humana, conforme vimos anteriormente e citar um exemplo sobre ato da vontade relacionado a membros do corpo, chega “à conclusão de que o ato de vontade não se refere a um corpo, que, portanto, não há nenhum ato de vontade, no sentido usual da palavra.”⁹⁸

O que podemos deprender é que Wittgenstein considera o “ato de vontade” no seu sentido usual, composto de uma vontade como uma espécie de causa e também que a causalidade da vontade é exercida no mundo, através do corpo, em que os efeitos das ações fazem parte da nossa experiência.

Essa reflexão pode ser melhor confirmada pelo próprio Wittgenstein:⁹⁹ “imaginemos um homem que não pudesse utilizar nenhum dos seus membros e, por isso, não pudesse, no sentido habitual, exercitar a sua vontade. Poderia, porém, pensar e desejar e comunicar a outrem os seus pensamentos. Poderia, portanto, fazer bem ou mal por meio de outro. É então claro que também para ele a ética teria validade, e ele é no sentido ético detentor de uma vontade.”

É importante nesta análise esclarecer que o próprio Wittgenstein tem várias acepções para a palavra vontade, desde a preocupação sobre o estatuto da vontade até o uso habitual mesma.

THEMUDO¹⁰⁰ assinala esse tratamento diferente à palavra vontade desse modo: “o registro da palavra sem qualquer sinal particular de ênfase, significa a vontade humana em geral. A palavra, colocada entre parênteses, corresponde a uma particularização do termo, respeitante ao sentido ético da vontade. A palavra escrita em *itálico*, em referência ao ‘sentido ordinário do termo.’”

No uso habitual ou ordinário da palavra vontade, podemos nos perguntar se um homem privado de membros poderá ou não exercer a sua vontade? Mesmo privado de membros, se transmitir a outro o seu pensamento e o seu desejo, para que este outro possa executar, poderá exercer a sua vontade, ainda que por outra pessoa, se aquela privada de membros, concebeu, deliberou e decidiu. Logo, a ética é válida também para a pessoa privada de membros que, no sentido ético, é também portador de vontade.

⁹⁸ WITTGENSTEIN, Ludwig. Op. cit. 20.10.16. p. 127.

⁹⁹ WITTGENSTEIN, Ludwig. Op. cit., 21.07.16. p. 114.

¹⁰⁰ THEMUDO, Marina Ramos. Op. cit. 1989. p. 143.

Wittgenstein, em 21 de julho de 1916¹⁰¹, se questiona:

“Há, pois uma distinção de princípio entre essa vontade e aquela que põe em movimento o corpo humano?

Ou consistirá, aqui o erro em o desejar (respectivamente o pensar) se já é um ato da vontade? (E, neste sentido, o homem sem vontade não viveria).

Mas será possível conceber um ser que só pudesse querer representar (por ventura ver), mas não querer? Tal, seja em que sentido for, parece impossível. Mas se fosse possível, poderia então existir também um mundo sem ética.”

É muito provável que Wittgenstein, ao perguntar-se pela distinção entre essa e aquela vontade, tenha em mente um texto de Santo Agostinho de Hipona, onde realiza-se tal distinção:¹⁰² “Se há, pois duas vontades, é que uma delas é completa, e a outra encerra o que falta à primeira.”

A relação querer e poder aparece, de modo específico, em outra parte do mesmo texto aludido, onde há confronto do poder causal da vontade relacionada aos movimentos do corpo com o poder do querer em si mesmo. O exemplo do homem privado de movimentos é muito parecido ao que descreve Santo Agostinho, nas “Confissões”, o que nos leva, necessariamente, a crer que o mesmo era assimilado por Wittgenstein¹⁰³:

“Enfim, naquelas hesitações causadas pela dúvida, fazia os gestos que costumavam fazer os homens que querem e não podem, ou porque não possuem membros, ou porque os tenham ligados com cadeias, debilitados pela fraqueza, ou de qualquer modo impedidos [...]. Poderia, porém, querer e não os fazer, se a mobilidade dos membros me não obedecesse. Fiz, portanto, muitos movimentos, quando o querer não era o mesmo que o poder; e não fiz o que, sem comparação, eu desejava muito mais, apesar de o poder fazer logo que quisesse, porque o querer basta querer sinceramente”.

Retomando o exemplo da pessoa privada de membros, ou seja, a deficiência acidental pode ser substituída pela vontade de um outro, desde que os atos do pensar e do desejar tenham sido concebidos, deliberados e decididos pela própria pessoa privada de membros.

¹⁰¹ WITTGENSTEIN, Ludwig. Op. cit., p. 114.

¹⁰² SANTO AGOSTINHO, *As Confissões* 8, 9. Tradução de J. O. Santos e A. A. de Pina. Porto, 1942. p. 251.

¹⁰³ Idem. Ibid., 1942. p. 249.

O que revela que no uso habitual da palavra vontade, ela parece estar caracterizada como um elo causal com o corpo, que tem a capacidade de produzir a transformação.

Não podemos ficar somente no nível habitual do termo vontade, mas se quisermos descobrir o seu estatuto, temos que refleti-la também em nível filosófico, pois o próprio Wittgenstein diz¹⁰⁴: “mas é claro que o nexos causal não é o nexos nenhum” e, para confirmar, acrescenta: “posso, em todo caso, imaginar que realize o ato de vontade para alçar o meu braço, mas que o meu braço não se mexe, (um tendão sofreu, por exemplo, uma rotura). Sim, mas dir-se-á que, não obstante, o tendão se mexe, e tal mostra justamente que o meu ato de vontade se relacionou com o tendão, e não com o braço. Avancemos, porém, e suponhamos que o tendão não se mexeu e assim sucessivamente. Chegaríamos, então, à conclusão de que o ato de vontade não se refere a um corpo, que, portanto, não há nenhum ato de vontade, no sentido usual da palavra.”

O milagre estético é que o mundo exista. Que exista o que existe.

Será que a essência do modo artístico de observação consiste em ele ver o mundo com um olhar feliz?

Grave é a vida, risonha é a arte.

Nesta relação entre Ética e Estética, como já dissemos, ambas são uma mesma coisa, se equivalem, Wittgenstein articula a vontade com o mundo, deixando de lado o sentido usual, da relação causal da vontade com o movimento do corpo, conduzindo-nos à outra perspectiva que transcende o sujeito humano, especialmente o sujeito humano volitivo, pois o desencadeamento de acontecimentos empíricos no momento em que se queira “levantar o braço”, trata-se de uma facticidade transcendente com a qual o sujeito conta na ação, mas lhe é imposta do exterior à sua vontade.

Está implícito aqui o modo como Wittgenstein entende a causalidade, em que reconhece a existência de regularidades com as quais contamos na vida quotidiana, mas isso não implica nexos causal, no seu clássico sentido filosófico, e, por isso, os acontecimentos do mundo são independentes uns dos outros e assim também a vontade.

¹⁰⁴ WITTGENSTEIN, Ludwig. Op. cit., 20.10.1916. p. 127.

O ato da vontade é ilusório, pois está reduzido à ação, no desencadeamento dos acontecimentos empíricos. Não há um poder causal da vontade sobre os acontecimentos mundanos, por isso a impotência ou a impossibilidade de uma experiência ética.

Em nível da experiência humana, Wittgenstein estabelece as diferenças entre o desejar e o querer. O desejo apresenta-se como o projeto de uma ação. No movimento de empurrar uma cadeira, o desejo está referido ao movimento da cadeira, enquanto que a vontade refere-se à ação. O desejo é sempre anterior ao acontecimento enquanto que a vontade é a que acompanha o acontecimento. O fato de mudar a posição de uma cadeira, simultaneamente nos orientamos ao objeto e à sua representação.

A vontade está relacionada com o mundo,¹⁰⁵ “o mundo é me dado, isto é, a minha vontade dirige-se ao mundo inteiramente a partir de fora como algo já pronto”.

Isso mostra a nossa impotência que é dada pela impossibilidade de anular os caracteres fundamentais e essenciais da existência, que reside na impossibilidade de separar ou anular qualquer dimensão da estrutura do ato, que inclui o pensar e o desejar.

A vontade está diretamente relacionada ao sujeito metafísico, que nos referimos na seção anterior desse capítulo e que Wittgenstein¹⁰⁶ em 4 de agosto 1916, pergunta: “como perceber no mundo um sujeito metafísico?” Ao identificar “mundo e vida”, afirma que o sujeito da representação é uma vã ilusão, e dá-se conta de que:

“O que os outros no mundo me disseram acerca do mundo é uma parte mínima e secundária da minha experiência. Eu tenho de julgar o mundo, de medir as coisas”, chega ao eu por excelência que é: “o eu filosófico, não é um homem, não é o corpo humano ou a alma humana, com as propriedades psicológicas, mas o sujeito metafísico, o limite do mundo”.

Este “eu” capaz de julgar o mundo, medir as coisas, que nos leva à vida feliz, que põe em questão o sentido da vida e do mundo é o “eu filosófico”, o sujeito metafísico, a fronteira do mundo, que é, em última análise, onde se encontra o estatuto da vontade humana.

¹⁰⁵ WITTGENSTEIN, Ludwig. Op. cit., 1916. p. 110.

¹⁰⁶ Idem. Ibid., 04.08; 05.08; 24.07 e 02.09.16. p. 118; 114; 121.

Através da via da reflexão, o “eu filosófico” acede ao conhecimento, chegando a “uma consciência reflexiva, levanta a questão do sentido, num ato de transcendência pelo qual conhece o nada que o constitui enquanto ato de consciência, face ao mundo que integra também o seu desejo e, por conseguinte, se reconhece fronteira e nada mais”.¹⁰⁷

É o acesso ao conhecimento que permite ao “eu filosófico” dar-se conta que “eu sou o meu mundo”. E através dele que a vontade mostra a sua potência.

Penso que o sujeito metafísico, transcendental e o mundo fenomênico são manifestações complementares do princípio último de toda a realidade: a vontade.

¹⁰⁷ THEMUDO, Marina Ramos. Op. cit., 1989. p. 180.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parece que o tema da *vida no presente* ocupa um lugar de destaque no ambiente que compõe a filosofia que Wittgenstein apresentou em sua primeira obra. Não podemos, portanto, perder de vista sua fecundidade no que se refere às questões que tangem os limites entre a Ética e a Lógica. Uma incursão sobre os últimos aforismos do *Tractatus Logico-Philosophicus*, nos conduz a um tipo de inquietude que assim pode ser expressa: por que temos que calar sobre algo e, o que é esse algo do qual não podemos falar?

Somente depois de haver visto *corretamente* o mundo podemos nos decidir por situar cada coisa em seu devido lugar, conferindo-lhes o valor que realmente possuem. Não significa que as coisas sobre as quais não podemos falar não existam. Podemos dizer que se mostram e respondem – na medida em que podemos denominá-las resposta – ao problema da vida e seu sentido. A reflexão sobre o místico – produto do enfrentamento entre a Ética e a Lógica – não é algo banal no *Tractatus*.

Esta dissertação procurou mostrar que, de alguma forma, este embate ocupa um lugar central e que, quando Wittgenstein conclui pela impossibilidade de que algo seja expresso pela linguagem está definindo uma espécie de itinerário necessário, que vai desde a análise da linguagem, análise lógica, até a constituição dos fundamentos do mundo, sua essência (cf. Diário Filosófico 2 de agosto de 1916). A investida contra a linguagem carece de sentido, mas de maneira alguma é irrelevante; é, antes, o sintoma de uma tendência irrefreável do conhecimento humano, a transcendência, com a qual, parece, estamos indelevelmente amalgamados.

Os argumentos que podem reforçar esta idéia são encontrados numa espécie de pano de fundo que, conforme indicamos no início de nossa reflexão, nasce do ambiente formador da personalidade do filósofo, como condição para um modelo explicativo das raízes do desenvolvimento teórico de sua obra. Não é possível esquecer que, em Wittgenstein, a tarefa prévia ao filosofar é, antes de tudo, a de um ser humano. Wittgenstein entra na filosofia com preocupações lógico-éticas: as primeiras parecem derivar dos questionamentos transcendentais de Kant e Schopenhauer; as segundas, de seu contato com Tolstoi e Kierkegaard,

conforme se pode ver a partir das indicações de Janik e Toulmin. Este cenário pode ser descrito em termos de um trabalho intelectual que se plasmou no entorno da Lógica e da Ética, ao modo de uma exigência que se plasma na busca da verdade e no respeito a tudo aquilo que a razão intui além de seus próprios limites.

No desenvolvimento deste trabalho, fizemos a defesa da existência de um dinamismo prático, identificado com a vontade, para poder dar um encaminhamento aos desafios de compreender a tão discutida relação entre a Ética e a Lógica no empreendimento filosófico levado a termo no *Tractatus*. No aforismo 5.641, encontramos o fundamento deste dinamismo prático, quando o autor enuncia a existência do sujeito metafísico caracterizado como limite e não como parte do mundo. Este sujeito como limite e não como parte é a síntese Lógico-Ética da nossa pertença ao mundo traduzido pela estrutura da vontade.

A caracterização da Lógica e da Ética, conforme desenvolvida no espaço a elas dedicado neste trabalho, procurou ressaltar que não existe exclusão, mas um pertencimento recíproco entre ambas. A Lógica que demanda o dizer não pode ir além do que de fato pode ser dito. Há, evidentemente, um limite a ser reconhecido em nossa pretensão de dizer a realidade. Este limite implica não uma restrição da linguagem, mas uma restrição imposta pelo próprio mundo. Os limites da linguagem são os limites do mundo na medida em que o sujeito e o mundo estão um para o outro como, da mesma maneira, o olho está para o seu campo visual.

Essa pertença mútua adquire sentido no estatuto da vontade. Aqui residuiu, conforme nossa argumentação levada a termo na última parte do trabalho. Por meio dela, se esclarece o estatuto da *mística* nascida do inefável. Somente por ela entendemos o processo argumentativo pelo qual chegamos ao limite da descrição, no terreno lógico da experiência. Pela vontade adentramo-nos na análise fática (Lógica), por um lado e, por outro, se determina a significatividade e o valor dos fundamentos (Ética).

Wittgenstein deixa bem claro que a ética afeta o todo, isto é, que o sujeito da ética não se confunde com o sujeito agente das atividades cotidianas sobre as quais, no compasso do *Tractatus*, podemos realizar uma análise de cada um de seus movimentos. Quando o filósofo afirma que o eu se confunde com o mundo, não está dizendo que, de alguma maneira, se dissolve no mundo, que passa a

fazer parte de modo singular ao estado de coisas, anunciando-se como mais um entre eles. Antes, o pensador quer falar do limite entendido na proposição de que o mundo é o meu mundo.

Na perspectiva da aproximação entre a Ética e a Lógica, devemos falar de um sujeito em termos de vontade, por isso dizemos que a vontade se aproxima do mundo como um todo. Não falamos, pois, da vontade enquanto objeto de estudo psicológico. Se assim fosse, deveríamos falar da vontade tendo em vista ações concretas que nos proporcionariam situações de felicidade ou infelicidade, de bem ou de mal. Mas, não é disso que trata o filósofo. O tratamento transcendental feito na confluência da Lógica e da Ética se afasta largamente dessa nossa tendência. O autor afirma, em seus Diários, que, se a vontade boa ou má tivesse algum efeito sobre o mundo, ela poderia ter somente sobre seus limites, não sobre os fatos, só poderia ter efeito sobre o que a linguagem não figura, mas que pode, em troca, mostrar-se.

Wittgenstein afirma “sei que minha vontade penetra o mundo”. O que a análise desta convicção nos sugere permite uma aproximação com as convicções de Kant ao se perguntar: “Que posso saber (conhecer)?” Wittgenstein diria: “sei que este mundo existe” e o sei porque afirmo como existe e estabeleço por meio da linguagem todos os processos internos que o afetam enquanto tal. A vontade nada pode mudar no mundo, uma vez que o mundo é independente de minha vontade. Assim a vemos situada no limite do mundo e uma mudança no mundo só pode ser efetivada nos limites dele, conforme entendimento do próprio filósofo ao dizer que o mundo tem que se tornar outro inteiramente diferente.

O reconhecimento do mundo descrito por Wittgenstein se realiza mediante a análise factual e a progressiva reconstrução lógica dos elementos que nele estão presentes e o caracterizam. O característico, pois, é estar composto de fatos logicamente independentes entre si, cuja articulação se realiza pela linguagem, para a qual aqueles se manifestam como referência e, portanto, dado o alcance da teoria do significado desenvolvida no *Tractatus*, constituem o ponto de partida do sentido dos enunciados, uma vez que este não é senão a possibilidade de que as proposições sejam verdadeiras ou falsas em função de que aconteça ou não o estado de coisas que afirmam. Parece, portanto, evidentemente expressivo o lugar definido pelo limite.

De alguma maneira, parece claro que o que pertence ao terreno do pensamento, do pensável, está em relação direta com aquilo sobre o qual podemos fazer uma figura, na medida em que, para Wittgenstein, o pensamento é uma figura lógica dos fatos. Mas, a figura comporta um limite, portanto, o pensamento comporta um limite. Talvez o desassossego se instale justamente porque nos deparamos com o outro lado do pensável. Mas, então, só poderíamos mostrar, porque a tentativa de estabelecer uma proposição ética com sentido estaria fadada ao fracasso. Se a vontade penetra este mundo, não lhe são estranhos tanto suas familiaridades quanto seus recônditos. Estamos melhor quando podemos falar, mas certamente não podemos estar menos confortáveis quando somos convidados ao silêncio. Palavra e silêncio, Lógica e Ética comportam o assombro nascido de nossa experiência existencial, especialmente quando o filósofo revela:

*“O que é místico é **que** o mundo exista não **como** o mundo é.”*

“Místico é sentir o mundo como um todo limitado.”

“Existe, no entanto o inexprimível. É o que se revela, é o místico”.

BIBLIOGRAFIA DE WITTGENSTEIN

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tratado lógico-filosófico: investigações filosóficas**. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

_____. **Fichas (Zettel)**. Biblioteca de Filosofia Contemporânea. Lisboa: Edições 70, 1989.

_____. **Da certeza**. Biblioteca de Filosofia Contemporânea. Lisboa: Edições 70, 2000. Edição Bilíngüe.

_____. **Cadernos (Notebooks): 1914-1916**. Biblioteca de Filosofia Contemporânea. Lisboa: Edições 70, 2000. Edição Bilíngüe.

_____. **Cultura e Valor**. Biblioteca de Filosofia Contemporânea. Lisboa: Edições 70, 2000.

_____. **Conferência sobre ética**. Con dos comentários sobre la teoría del valor. Barcelona: Paidós, 1989.

_____. **Gramática Filosófica**. São Paulo: Loyola, 2003.

_____. **O livro azul**. Biblioteca de Filosofia Contemporânea, Lisboa: Edições 70, 1992.

DICIONÁRIOS

FERRATER MORA, José. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Loyola, Tomo III, 2001.

GLOCK, Hans-Johann. **Dicionário Wittgenstein**. Dicionários de Filósofos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

REFERÊNCIAS

- AYER, A. J. **Linguagem, verdade e lógica**. Lisboa: Presença, 1991.
- BARRETT, Cyril. **Ética y creencia religiosa em Wittgenstein**. Madrid: Alianza Universidad, 1994.
- BAUM, Wilhem. **Ludwig Wittgenstein**. Madrid: Alianza, 1988.
- BRAND, Gerd. **Los textos fundamentales de Ludwig Wittgenstein**. Madrid: Alianza Universidad, 1987.
- DALL' AGNOL, Darlei. **Ética e linguagem: uma introdução ao Tractatus de Wittgenstein**. Florianópolis: Editora UFSC, 1995.
- FAUSTINO, Sílvia. **Wittgenstein: o eu e sua gramática**. São Paulo: Ática, 1995.
- FAVRHOLDT, David. **An interpretation and critique of Wittgenstein's Tractatus**. Copenhagen: Munksgaard, 1967.
- GIL DE PAREJA, J. L. **La filosofía de la psicología de Ludwig Wittgenstein**. Barcelona: PPU, 1992.
- HALLER, Rudolf. **Wittgenstein e a filosofia austríaca: questões**. São Paulo: EDUSP, 1990.
- HINTIKKA, Merrill; HINTIKKA, Jaakko. **Uma investigação sobre Wittgenstein**. Campinas: Papirus, 1994.
- JANIK, A.; TOULMIN, S. **Wittgenstein's Vienna**. New York: Simon and Schuster, 1973.
- JAREÑO ALARCÓN, Joaquín. **Religión y Relativismo en Wittgenstein**. Barcelona: Editorial S.A., 2001.
- LÓPEZ DE SANTA MARÍA DELGADO, Pilar. **Introducción a Wittgenstein: sujeto, mente y conducta**. Barcelona: Herder, 1986.
- MARGUTTI PINTO, Paulo Roberto. **Iniciação ao silêncio: análise do Tractatus de Wittgenstein**. São Paulo: Loyola, 1998.
- MARTÍNEZ, Horacio Luján. **Subjetividade e silêncio no Tractatus de Wittgenstein**. Cascavel: EDUNIOESTE, 2001.
- MONK, Ray. **Wittgenstein: o dever do gênio**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- MORENO, Arley R. **Wittgenstein: os labirintos da linguagem**. São Paulo: Moderna, 2003.
- PEARS, David. **As idéias de Wittgenstein**. São Paulo: Cultrix, 1973.

- PRADO NETO, Bento. **Fenomenologia em Wittgenstein: tempo, cor e figuração**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2003.
- REGUERRA, Isidoro. **El feliz absurdo de la ética (el Wittgenstein místico)**. Madrid: Tecnos, 1994.
- STEGMÜLLER, Wolfgang. **A Filosofia Contemporânea**. São Paulo: EPU, 1977. v. 1-2.
- STRATHERN, Paul. **Wittgenstein em 90 minutos**. São Paulo: Jorge Zahar, 1997.
- THEMUDO, Marina Ramos. **Ética e sentido: ensaio de reinterpretação do Tractatus Logico-Philosophicus de Ludwig Wittgenstein**. Coimbra: Almedina, 1989.
- ZILHÃO, António. **Linguagem da filosofia e filosofia da linguagem**. Lisboa: Colibri, 1993.
- ZILLES, Urbano. **O racional e o místico em Wittgenstein**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.